

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ROBERTA DOS SANTOS DE OLIVEIRA

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO
LÍNGUA MATERNA

RIO DE JANEIRO

2016

Roberta dos Santos de Oliveira

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO
LÍNGUA MATERNA

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa (Letras).

Orientadora: Professora Doutora Karen Sampaio Braga Alonso

Rio de Janeiro

2016

O48v Oliveira, Roberta dos Santos de
A variação linguística e o ensino da língua
portuguesa como língua materna / Roberta dos Santos
de Oliveira. -- Rio de Janeiro, 2016.
130 f.

Orientadora: Karen Sampaio Braga Alonso.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, 2016.

1. Variação linguística. 2. Livro didático. 3.
Ensino. I. Alonso, Karen Sampaio Braga, orient. II.
Título.

Roberta dos Santos de Oliveira

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO
LÍNGUA MATERNA

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa (Letras).

Aprovada em: 23/11/2016.

Karen Sampaio Braga Alonso, PROFLETRAS/UFRJ

Deise Cristina de Moraes Pinto, Faculdade de Letras/UFRJ

Filomena de Oliveira Azevedo Varejão, PROFLETRAS/UFRJ

Adriana Leitão Martins, PROFLETRAS/UFRJ (suplente)

Priscilla Mouta Marques, Faculdade de Letras/UFRJ (suplente)

Dedico esta dissertação a minha família, em especial a minha mãe, Luiza e a minha tia e madrinha, Maria Aparecida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus; a minha família e aos meus amigos por todo o apoio e incentivo e, ao mesmo tempo, peço desculpas pela ausência em alguns momentos dos quais não pude compartilhar com vocês.

Agradeço a minha orientadora Karen Sampaio, aos membros da banca de qualificação e de defesa da dissertação e a toda a equipe de professores do Proletras UFRJ, pelo compartilhamento de conhecimentos e experiências ao longo de todo o curso; à Solange Oliveira, secretária do Proletras pela ajuda, pelas informações fornecidas, pela solicitude, eficiência e simpatia de sempre; a minha turma (Proletras 2014), turma incrível, que tornou esta caminhada mais leve e agradável, de um jeito que eu jamais havia imaginado encontrar num ambiente acadêmico. Obrigada pela solidariedade, companheirismo, solicitude, disponibilidade e generosidade. Agradeço à agência de fomento CAPES pelo importante incentivo da bolsa que nos foi fornecida durante todo o curso.

Agradeço também a todos os meus colegas, chefes, e diretores e Pró-reitores da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), por viabilizarem a minha presença no mestrado, pelo apoio, incentivo e pela compreensão, especialmente a Alcides Guarino, Roberto Vianna, Elizabeth Guedes, Ronaldo Busse, Izumi Maeda, Mônica Mota, Maria Cláudia Rosas e Diana Grijó.

Agradeço à Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro pela concessão da licença para estudos; a toda equipe pedagógica e de funcionários da escola municipal Rose Klabin, especialmente à diretora Aline Negreiros e à coordenadora pedagógica Graciele Soares e aos alunos, que contribuíram para que a aplicação das atividades propostas neste trabalho fosse realizada.

“A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil. ”

Manuel Bandeira

RESUMO

OLIVEIRA, Roberta dos Santos de. A variação linguística e o ensino da língua portuguesa como língua materna. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Os objetivos deste trabalho são investigar como o livro didático do sexto ano do Ensino Fundamental da coleção *Projeto Teláris*, das autoras Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Machezi aborda o tema da variação linguística e propor uma sequência de atividades que possa contribuir para a promoção de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos. Tanto a análise quanto a proposta de intervenção são baseadas nos estudos de Preti (1982), Bagno (2004), Bortoni-Ricardo (2006), Faraco (2008), entre outros autores e nos documentos oficiais do MEC: PCN (1998) e Guia do PNLD (2013). Verifica-se por meio da análise do livro didático que há um empenho no sentido de adequação aos estudos linguísticos, porém, em alguns momentos encontramos problemas como a dicotomia entre a oralidade e a escrita, a não percepção da variação linguística como um fenômeno gradual, disposto em contínuos e a insistência em exercícios de reescrita utilizando linguagem formal sem uma modificação de contexto que a justifique. Dessa forma, lembramos a importância da autonomia do professor na preparação de suas aulas, selecionando e até mesmo produzindo o próprio material didático, caso haja necessidade. A partir da interpretação da tabela de resultados da sequência, podemos perceber uma boa compreensão dos conteúdos, embora a dificuldade na compreensão de textos e na expressão por meio de frases completas e coerentes tenha prejudicado um pouco o desempenho dos alunos nas respostas às questões. Percebemos também que a cultura do “erro” está bastante presente entre os alunos. Esse fato revela que ainda há muito trabalho a ser feito no sentido de combater comportamentos caracterizados pelo preconceito linguístico.

Palavras-chave: Variação Linguística. Livro Didático. Ensino.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Roberta dos Santos de. A variação linguística e o ensino da língua portuguesa como língua materna. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

The purposes of this research are to investigate how the textbook of the sixth grade of elementary school of *Projeto Teláris*, collection of the authors Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin and Vera Machezi tackles the theme of linguistic variation and propose a sequence of activities that can contribute to the promotion of a sensible pedagogy to sociolinguistics and cultural differences of the students. Both the analysis and the proposal of intervention are based on studies of Preti (1982), Bagno (2004), Bortoni-Ricardo (2006), Faraco (2008), among other authors and in the official documents of the MEC: PCN (1998) and guide the PNLD (2013). We check through the textbook analysis that there is a commitment in the sense of appropriateness to linguistic studies, however, in a few moments we find problems such as the dichotomy between orality and writing, not perception of linguistic variation as a gradual phenomenon, wrapped in continuous and the insistence on rewrite exercises using formal language without a change of context that justifies it. In this way, we recall the importance of teacher's autonomy in preparing their lessons by selecting and even producing their own teaching material, if it's necessary. From the interpretation of sequence's results table, we can realize a good understanding of the content, though the difficulty in comprehension of texts and in the expression by using complete and coherent sentences has impaired pupils' performance in the answers to the questions. We also realized that the culture of "error" is very present among students. This fact shows that there is still much work to be done to combat behavior characterized by linguistic bias.

Keywords: Linguistic Variation. Textbook. Teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	13
2.1 Língua.....	13
2.2 Gramática.....	14
2.3 Norma.....	16
2.4 A articulação com o ensino.....	17
2.5 Variação linguística.....	18
2.6 O ensino da língua materna e a variação linguística.....	26
2.7 Os Parâmetros Curriculares Nacionais.....	29
2.7.1 Reflexão sobre a linguagem.....	30
2.7.2 Objetivos, conteúdos e critérios de avaliação do ensino de língua portuguesa.....	32
2.8. O Programa Nacional do Livro Didático.....	36
3 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS.....	39
4 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO.....	42
4.1 Caracterização do livro.....	42
4.2 Descrição e análise do conteúdo das atividades propostas.....	43
4.2.1 Introdução.....	43
4.2.2 Unidade 1.....	44
4.2.3 Outras unidades e capítulos.....	53
4.3 Conclusão.....	54
5. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	56
5.1 Aplicação e análise de resultados da sequência didática.....	56
5.2 Conclusão.....	118
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121

REFERÊNCIAS.....125

ANEXO.....128

1 INTRODUÇÃO

O ensino de português como língua materna é um tema que vem preocupando muitos estudiosos há bastante tempo. Já foram realizadas várias pesquisas com o objetivo de identificar os problemas que afligem alunos e professores, suas causas e as soluções mais viáveis. Uma dessas questões diz respeito ao ensino de gramática. Muitas pesquisas procuraram investigar como ele tem sido feito nas escolas dos níveis Fundamental e Médio, a fim de identificar as causas do fracasso escolar.

Observa-se que o tipo de ensino que se resolve adotar resulta das relações que são feitas entre as principais concepções de termos fundamentais para o ensino de línguas, que são os conceitos de *língua*, *gramática* e *norma*. Dependendo da maneira como esses conceitos são percebidos, o ensino pode ser direcionado para uma orientação mais normativa, que prioriza o estudo de normas e regras que são prescritas pelas gramáticas de cunho normativo; ou para a pesquisa, descrição e prática do uso da língua.

Supõe-se que parte do problema do baixo desempenho dos estudantes na disciplina de Língua Portuguesa esteja relacionada a um ensino predominantemente normativo, que privilegia a identificação e catalogação de termos em frases isoladas, ou retiradas de textos e que entende a língua como um produto homogêneo, desconsiderando a variação linguística como uma característica intrínseca à própria língua. Esse tipo de ensino acaba não cumprindo nenhuma das funções: o aluno nem aprende a produzir um texto com coesão e clareza, articulando as ideias de modo a dar forma ao texto, nem aprende as normas e nomenclaturas que estuda durante vários anos seguidos, pois muitos concluem o último ciclo dos níveis fundamental e médio dizendo que “não sabem português”. Alguns dos aspectos apresentados acima estão presentes também nos livros didáticos adotados pelas escolas, um importante instrumento pedagógico, muitas vezes o único recurso de que o professor dispõe.

Dessa maneira, consideramos fundamental o estudo da variação linguística como um conteúdo, de fato, do currículo do segundo segmento do ensino fundamental, principalmente no sexto ano de escolaridade, quando, geralmente, o aluno começa a se aprofundar nos estudos de morfossintaxe.

É necessário que esse aluno, ao mesmo tempo em que tiver acesso às normas que deverão ser utilizadas quando a situação de comunicação exigir um estilo mais monitorado, tanto na fala quanto na escrita, aprenda também a valorizar e respeitar as normas que são efetivamente utilizadas nas situações de interação mais monitoradas e menos monitoradas e a selecionar aquilo que considerar mais adequado à situação de comunicação em questão. Para isso, é preciso que ele conheça e compreenda o fenômeno da variação linguística para que possa conceber a possibilidade de ocorrência simultânea de diversas normas pertencentes às diferentes variedades

Diante do que foi exposto, tentaremos mostrar como o ponto de vista sobre conceitos fundamentais para o estudo da língua, que são os conceitos de *língua*, *norma* e *gramática* influenciam a maneira de conduzir seu ensino. Além disso, falaremos sobre a importância do reconhecimento do fenômeno da variação linguística e de como as pesquisas no âmbito da Linguística têm ajudado na reflexão sobre os novos rumos que deverá tomar o ensino de língua materna, inclusive sobre a relação daquelas com os documentos oficiais, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que, como veremos adiante, sugerem uma orientação do ensino da língua materna voltado para o desenvolvimento da competência linguística do aluno, habilitando-o a dispor das diversas variedades existentes na língua para interagir nos distintos grupos sociais, exercendo, dessa maneira, sua cidadania.

Em seguida, faremos referência a pesquisas anteriores que se dedicaram à análise de livros didáticos, com o propósito de observar como se procede à abordagem do tema da variação linguística. Logo após, realizaremos a análise de um livro didático de Língua Portuguesa, do 6º ano do ensino fundamental, da coleção *Projeto Teláris*, a fim de verificar se a obra trabalha a questão da variação linguística e qual é o tratamento dado ao tema. Esse livro foi escolhido porque *Projeto Teláris* foi a segunda coleção mais distribuída no PNLD 2014, conforme tabela consultada no sítio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e pelo fato de que a primeira colocada já ter sido objeto de inúmeras pesquisas semelhantes.

Após a análise do referido livro didático, sugeriremos atividades que possam estimular novas práticas pedagógicas. Para isso, desenvolveremos uma sequência didática cujo público alvo será uma turma de alunos do sexto ano do ensino

fundamental e cujo objetivo será trabalhar o conteúdo de variação linguística: conceitos, tipos de variação, registros de fala, variedades de prestígio, preconceito linguístico e competência linguística. A seguir, apresentaremos os resultados da aplicação da sequência didática e as nossas considerações finais, capítulo no qual apresentaremos nossas conclusões a respeito do desenvolvimento desse trabalho.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, discutiremos os pressupostos teóricos que embasaram tanto a análise do livro didático quanto a proposta de intervenção pedagógica para o ensino de variação linguística, a começar pelos conceitos de *língua*, *gramática* e *norma*, que como dissemos, são conceitos fundamentais para o ensino da língua.

2.1 Língua

Para Travaglia (2003, p. 21), as concepções de língua e linguagem são tão importantes para o ensino de língua materna quanto a postura que se tem em relação à educação, pois é em torno dessas concepções que o trabalho de ensino da língua é estruturado. O autor apresenta três possibilidades de conceber linguagem e língua (grifos do autor):

A primeira concepção vê a **linguagem como expressão do pensamento**. Para essa concepção as pessoas não se expressam bem porque não pensam. (...). As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual, e da capacidade de o homem organizar de maneira lógica seu pensamento dependerá a exteriorização desse pensamento por meio de uma linguagem articulada e organizada. Presume-se que há regras a serem seguidas para a organização lógica do pensamento e, conseqüentemente, da linguagem. (...).

Portanto, para essa concepção, o modo como o texto, que se usa em cada situação de interação comunicativa está constituído não depende em nada de para quem se fala, em que situação se fala (onde, como quando), para que se fala.

A segunda concepção vê a **linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação**. Nessa concepção a língua é vista como um código, ou seja, um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. (...)

Essa concepção levou ao estudo da língua enquanto código virtual, isolado de sua utilização (...). Isso fez com que a Linguística não considerasse os interlocutores e a situação de uso como determinantes das unidades e regras que constituem a língua, isto é, afastou o indivíduo falante do processo de produção, do que é social e histórico na língua.

A terceira concepção vê a **linguagem como forma ou processo de interação**. Nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. (TRAVAGLIA, 2003, p. 21-23).

Segundo Possenti (2003, p. 49) *língua* não é um conceito óbvio e pode-se dizer que há um conceito de língua compatível com cada conceito de gramática, isto é, observando a língua de certa forma, veremos a natureza e a função da gramática de forma compatível:

- a) o primeiro conceito é o mais usual entre os membros de uma comunidade linguística, pelo menos em comunidades como as nossas: o termo *língua* recobre apenas uma das variedades linguísticas utilizadas efetivamente pela comunidade, a variedade pretensamente utilizada pelas pessoas cultas. É a chamada língua padrão, ou norma culta. As outras formas de falar (ou escrever) são consideradas erradas, não pertencentes à língua.
- b) O segundo conceito de língua equivale a um construto teórico, necessariamente abstrato. Como tal, é considerado homogêneo, não prevê variações no sistema.
- c) No terceiro conceito, língua é o conjunto das variedades utilizadas por uma determinada comunidade, reconhecidas como heterônimas. Isto é, formas diversas entre si, mas pertencentes a uma mesma língua. (POSSENTI, 2003, p. 49)

2.2 Gramática

De acordo com Franchi (2006, p. 33), uma certa maneira de conceber os termos “gramática”, “gramatical” e “saber gramática” está relacionada com texto e discurso. O autor apresenta três definições para o termo gramática. Em relação à gramática normativa, nos diz que:

é o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, *estabelecidas* pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelo bons escritores. Dizer que alguém “sabe gramática” significa dizer que esse alguém “conhece essas normas e as domina tanto nocionalmente quanto operacionalmente”. (FRANCHI, 2006, p. 16)

Já a gramática descritiva, define como:

um conjunto de noções mediante as quais se descrevem os fatos de uma língua, permitindo associar a cada expressão dessa língua uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, de modo a separar o que é gramatical do que não é gramatical. “Saber gramática” significa, no caso, ser capaz de distinguir nas expressões de uma língua, as categorias, as funções e as relações que entram em sua construção, descrevendo com elas sua estrutura interna e avaliando sua gramaticalidade. (FRANCHI, 2006, p. 22)

Quanto à gramática internalizada, nos ensina que:

corresponde ao saber linguístico que o falante de uma língua desenvolve dentro de certos limites impostos pela sua própria dotação genética humana, em condições apropriadas de natureza social e antropológica. “Saber gramática” não depende, pois, em princípio, da escolarização, ou de quaisquer processos de aprendizado sistemático, mas da ativação e amadurecimento progressivo (ou da construção progressiva), na própria atividade linguística, de hipóteses sobre o que seja a linguagem e de seus princípios e regras. (FRANCHI, 2006, p. 25)

Neves (2011, p. 29) também caracteriza os diversos conceitos de gramática de que temos conhecimento atualmente – grifo da autora:

Toda vez que se fala em **gramática** é necessário especificar-se muito claramente de que é que se está falando, exatamente. É possível ir desde a ideia de gramática como “mecanismo geral que organiza as línguas” até a ideia de gramática como “disciplina”, e, neste último caso, não se pode ficar num conceito único, sendo necessária uma incursão por múltiplas noções, já que são múltiplos os tipos de “lições” que uma gramática da língua pode fornecer: no modelo normativo puro, a gramática como o conjunto de regras que o usuário deve aprender para falar e escrever corretamente a língua; no modelo descritivo ou expositivo, a gramática como conjunto que descreve os fatos de uma dada língua; no modelo estruturalista, a gramática como descrição das formas e estruturas de uma língua; no modelo gerativo, a gramática como o sistema de regras que o falante aciona intuitivamente ao falar ou entender sua língua; e assim por diante. (NEVES, 2011, p. 29)

2.3 Norma

De acordo com Silva (1997, p. 14) podemos distinguir duas maneiras diferentes de entender o termo *norma*. São elas - grifos da autora:

- a) **norma normativo-prescritiva** ou **norma padrão** – conceito tradicional, idealizado pelos gramáticos pedagogos, diretriz até certo ponto para o controle da representação escrita da língua, sendo qualificado de **erro** o que não segue esse modelo.
- b) **normas normais** ou **sociais** – “objetivas” e quantificáveis (?), atuantes nos usos falados de variantes das línguas. São normas que definem grupos sociais que constituem a rede social de uma determinada sociedade. Distinguem-se em geral:

b.1. normas “sem prestígio social” ou estigmatizadas;

b.2. normas “de prestígio social”, **equivalentes ao que se denomina** norma culta, **quando o grupo de prestígio que a utiliza é da classe dominante e, nas sociedades letradas, aqueles de nível alto de escolaridade**. Os desvios a essas normas são qualificados de inadequações de uso, diferentemente do que ocorre em relação ao **erro**, conceito próprio à tradição normativo-prescritiva. (SILVA, 1997, p. 14)

A autora explicita que pôs o qualificador *objetivas* entre aspas porque alguns autores assim designam as normas sociais, em oposição à norma padrão que consideram subjetiva. Justifica também que a interrogação após o termo *quantificáveis* decorre de sua dúvida quanto à quantificação para fatos da língua.

Faraco (2008, p. 40) define *norma* como o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo os fenômenos em variação. O autor acrescenta que as normas absorvem as características umas das outras e que devido a esse fato, não é possível estabelecer com absoluta precisão os limites de cada uma delas e observa que elas não são estáticas.

O autor faz ainda uma distinção de conceitos importante especialmente para o ensino da língua, que é a distinção entre *norma culta/comum/standard*, *norma-padrão* e *norma gramatical*. Faraco (2008, p. 71) conceitua *norma culta/comum/standard* como “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso de falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita.”

A *norma-padrão* é descrita como “uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, (...) a projetos políticos de uniformização linguística.”

E a *norma gramatical* seria “o conjunto de fenômenos apresentados como cultos/comuns/*standard* por gramáticos que quebraram, em parte, a rigidez da tradição excessivamente conservadora, (...)”

A *norma gramatical* atual seria uma espécie de meio-termo entre a *norma culta/comum/standard* e a *norma-padrão*: nem tão flexível quanto a primeira, uma vez que esta está mais próxima da linguagem urbana comum (a linguagem do grupo de falantes que tecnicamente não são considerados cultos) nem tão rígida quanto a segunda, que hoje constitui uma idealização.

Esses conjuntos de definições estão intimamente ligados. A adoção de uma concepção de norma implicará a aceitação das definições de língua e de gramática a ela correspondentes. Assim, podemos perceber, por exemplo, que a ideia de gramática como conjunto de regras que são efetivamente usadas aproxima-se muito da de gramática como conjunto de regras internalizadas, pois ambas se baseiam nas normas definidas por grupos sociais e estão relacionadas ao conceito de língua como conjunto de variedades. Por outro lado, a ideia de gramática como conjunto de regras a serem seguidas acaba aproximando os conceitos de língua única e de língua como construto teórico, pois ambos estão baseados na norma normativo-prescritiva.

2.4 A articulação com o ensino

Em relação à articulação entre essas diferentes ideias e o ensino da língua, Barbosa (2014, p. 37-40) sugere que o professor precisa concatenar os diferentes saberes gramaticais envolvidos na docência de Língua Portuguesa na escola: o saber linguístico da norma vernácula de uso do falante, o saber linguístico descritivo/prescritivo da gramática tradicional e o saber das diferentes linhas de gramáticas descritivo-científicas – estruturalistas, funcionalistas, gerativistas, dentre outras para que, se quiser, seja capaz de responder ao questionamento se determinada construção está “certa” ou “errada”. Para isso, ele deverá perguntar a si mesmo “O que dizem os falantes? O que diz a tradição gramatical? O que dizem as pesquisas linguísticas?” (BARBOSA, 2014, p. 42).

O autor nos lembra que o professor é o profissional treinado para desenvolver no aluno habilidades de codificação e decodificação dos textos orais e escritos e além disso, também um pesquisador que, sempre que precisar, deverá articular os três saberes mencionados acima com base na constante reflexão nos níveis habitual, descritivo/prescritivo e descritivo-teórico/explicativo. E faz o seguinte alerta – grifos do autor:

Se o aluno for alvo de um ensino que lhe apresente a gramática tradicional escolar como uma língua, e não como a descrição de parte da língua escrita literária somada ao conjunto de certas convenções artificiais:

- Ele sempre pensará que tudo está errado e que as pessoas estão destruindo a língua ou então pensará que o que não está na gramática não existe, invertendo os valores do saber humano.
- Os melhores alunos sempre cobrarão maior *competência* do professor, pondo-o em *xequê*, ao questionar sobre certos usos que eles próprios sentem como *não habituais* nos diversos níveis de uso real na sociedade. Eles nunca ficarão satisfeitos, tampouco convencidos com a explicação oficial se o professor descrever estruturas mais complexas ou atuais usando, unicamente, o instrumental incompleto da gramática tradicional escolar. (BARBOSA, 2014, p. 50-51).

Dessa maneira, torna-se crucial o conhecimento por parte do professor das descobertas das pesquisas no âmbito da variação linguística e de suas implicações para o ensino da língua, estando apto, dessa forma, a lidar com maior segurança com as questões expostas acima. Em vista disso, discutiremos, nas duas próximas seções, os conceitos básicos na área de variação e sua relação com o ensino.

2.5 Variação Linguística

Definir língua considerando apenas uma das variedades é simplesmente tentar ignorar que a língua, um produto social, está em constante transformação. O português que falamos hoje não é igual ao que falávamos no século passado, nem o português que se fala hoje no Rio Grande do Sul é igual ao que se fala hoje em Pernambuco ou no Pará. Até mesmo pessoas que residem no mesmo estado, ou na mesma cidade falam variedades diferentes do idioma, pois por pertencerem a classes sociais diferentes, tiveram um contato maior ou menor com a variedade diferente da sua. Tentar ignorar essas diferenças é tentar ocultar o fenômeno da variação linguística.

Possenti (2003, p. 34) diz que todas as línguas são estruturas de igual complexidade e dizer que uma língua é mais complexa ou desenvolvida que outra não passa de preconceito ou ignorância. Essa mesma regra vale também para a comparação entre dialetos de uma mesma língua. Dialetos populares e dialetos padrões se distinguem em alguns aspectos, mas não pela complexidade das respectivas gramáticas. As diferenças mais importantes entre eles estão ligadas à avaliação social que deles se faz, que está relacionada ao valor atribuído pela sociedade aos usuários típicos de cada dialeto e a escolha de determinada variedade como a padrão não tem relação com a sua estrutura, e sim com fatores históricos, econômicos e políticos.

Qualquer falante comum, excluindo-se aqui aqueles acometidos por algum tipo de patologia que comprometa as funções da fala, é capaz de produzir enunciados compreensíveis por qualquer outro falante de sua língua devido ao domínio de regras que são adquiridas desde a infância, através da família e de pessoas próximas, antes mesmo da escolarização, ou até mesmo sem nunca ter passado pela escola. Essas regras constituem a chamada gramática internalizada, já descrita anteriormente. Considerando essa gramática interna, não podemos dizer que existam “erros de português”, pois como afirma Bagno (2004, p. 124), todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua.

Aquilo que, segundo o autor, pode ser considerado realmente um erro de português por desobedecer às regras de funcionamento da língua, nenhum falante de português cometeria, como por exemplo, o seguinte enunciado: “Aquele garoto me xingou.”. A noção de erro está vinculada ao que é tradicionalmente chamado de *português*, ou seja, apenas a variedade padrão, pois até um enunciado como: “A Joana é uma menina que ela sabe o que faz. ”, que é perfeitamente inteligível, portanto gramatical, é considerado um erro de acordo com a gramática normativa.

Como fora dito anteriormente, o princípio normativo-prescritivo vem aproximando o conceito de língua cada vez mais ao de um construto teórico, uma vez que diversas pesquisas vêm demonstrando que a variedade que a gramática normativa diz descrever, aquela teoricamente utilizada por pessoas ditas cultas, na realidade, é pouco utilizada por esses falantes. Conforme nos diz Cagliari:

a gramática normativa foi num primeiro momento uma gramática descritiva de um dialeto de uma língua. Depois a sociedade fez dela um corpo de leis para reger o uso da linguagem. Por sua própria natureza, uma gramática normativa está condenada ao fracasso, já que a linguagem é um fenômeno dinâmico e as línguas mudam com o tempo; e para continuar sendo a expressão do poder social demonstrado por um dialeto, a gramática normativa deveria mudar." (CAGLIARI, apud BAGNO, 2004, p. 67).

Citando novamente Bagno (2004, p. 65), não é a gramática normativa que “estabelece” a norma culta; a norma culta *existe* como tal. Para o autor a tarefa de uma gramática seria *definir, identificar e localizar* os falantes cultos, *coletar* a língua usada por eles e *descrever* essa língua de forma clara, objetiva e com critérios teóricos e metodológicos coerentes. Essa descrição detalhada e realista da norma culta objetiva deveria servir de base ao ensino/aprendizagem na escola, e não mais uma norma fictícia que se inspira em um ideal de gramática inatingível, baseado no uso literário, artístico, particular e exclusivo dos grandes escritores.

Aos termos “dialetos padrões” e “variedade padrão” utilizados pelos autores supracitados, preferimos o termo *variedade ou variedades de prestígio*, por entendermos o “padrão”, pautado em Faraco (2008) como um construto teórico, que, portanto, não podemos encontrar na realidade linguística.

Assim como a distinção entre os conceitos de língua, norma e gramática, é importante também para o processo de ensino-aprendizagem de português como língua materna e, conseqüentemente, para o presente estudo, a distinção entre os diferentes tipos de variação que ocorrem na língua.

Conforme Preti (1982, p. 18-20), vários fatores linguísticos influem na maneira de falar e suas tentativas de classificação envolvem distinções geográficas, históricas, econômicas, políticas, sociológicas e estéticas. Segundo o autor, podemos dividir o estudo da variedade linguística em dois grandes campos: *variedades geográficas (ou diatópicas)*, responsáveis pelos regionalismos e provenientes de *dialetos* ou *falares* locais e *variedades socioculturais (ou diastráticas)*, que podem ser influenciadas por fatores ligados diretamente ao falante (ou ao grupo a que pertence) ou à situação ou a ambos simultaneamente.

Também são importantes as definições de *idioleto*, como “a totalidade de hábitos de fala de um indivíduo num tempo determinado.” (Cf. Hockett, Charles F. apud PRETI, 1982:16), de *níveis de fala (ou níveis de linguagem) ou registros*, que são “as variações determinadas pelo uso da língua pelo falante, em situações

diferentes. ” (PRETI, 1982:34) e de *dialetos sociais*, que “são um sistema de variedades sócio-culturais da linguagem identificáveis e passíveis de descrição em qualquer área geográfica. ” (PRETI, 1982: 25)

O autor apresenta um interessante esquema que resume os pontos abordados no livro até aquele momento:

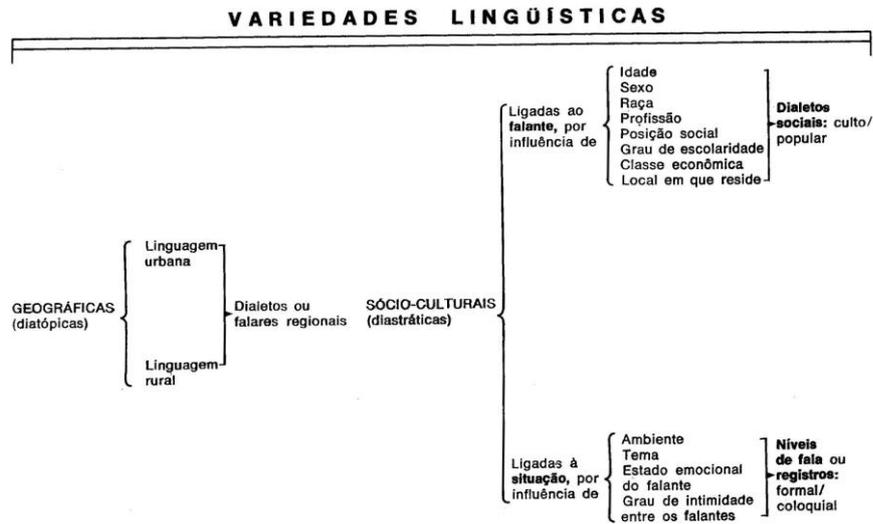


Figura 1 Variedades linguísticas
 Fonte: (PRETI, 1982, p. 38)

Convém ressaltar que antes de apresentar o esquema, o autor, em relação às variedades geográficas, diz que “as manifestações dos falares locais são contidas na comunidade por uma hipotética linguagem comum do ponto de vista geográfico que, (...), contribui para o nivelamento das diferenças regionais. ” (PRETI, 1982:18). Conforme a figura abaixo:

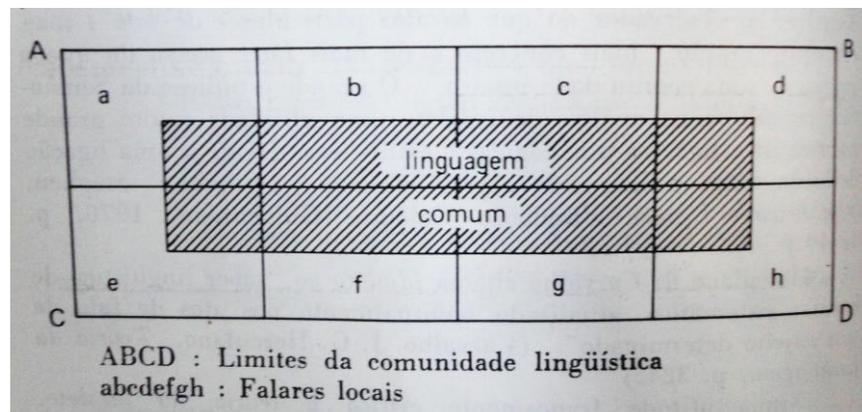


Figura 2 Falares locais e a linguagem comum
 Fonte: (PRETI, 1982, p. 18)

No que diz respeito às variedades socioculturais ligadas **ao falante**, o autor ressalta que “seria conveniente o estabelecimento de um dialeto social intermediário entre o *culto* e o *popular*, hipotético, a que denominaríamos *linguagem comum*. ” E que “cada vez mais a hipotética linguagem comum se amplia, tornando impossível uma triagem rigorosa entre o dialeto social culto e o popular. ” (PRETI, 1982, p. 29; 33).

Ao falar do *dialeto comum*, que se estabelece entre os dialetos *culto* e *popular*, Preti (1982) admite a possibilidade de pensar em subdivisões desses dois extremos propostos:

A linguagem popular, por exemplo, poderia admitir gradações inferiores que nos levariam, quem sabe até a um *dialeto social vulgar*, ligado aos grupos extremamente incultos, aos analfabetos, aos que não têm contato algum com os centros civilizados. (...) A *linguagem culta*, por seu lado, poderia atingir graus de extrema elaboração que a tornariam *preciosa*, fora da realidade falada. (PRETI, 1982, p. 33)

A explicação acima é ilustrada através do seguinte esquema:

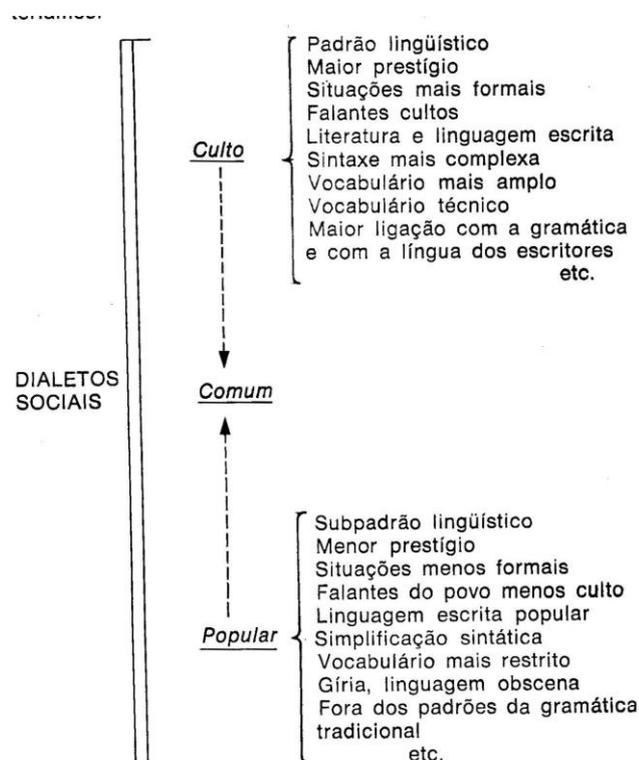


Figura 3 Dialetos sociais
Fonte: (PRETI, 1982, p. 32)

A mesma relativização das oposições entre linguagem urbana e linguagem rural e entre dialeto culto e dialeto popular, o autor também faz em relação às variações ligadas à **situação**:

Poderíamos, (...), como já o fizemos com referência aos *dialetos sociais*, estabelecer um *nível de fala* ou *registro* intermediário entre o *formal* e o *coloquial*, também hipotético e que funcionaria como integração entre os dois, recebendo contribuições de um e de outro. Seria um *registro comum* e que corresponderia, a grosso modo, à teoria de *dialeto social comum*, antes citado. (PRETI, 1982, p.35)

E apresenta o seguinte esquema:

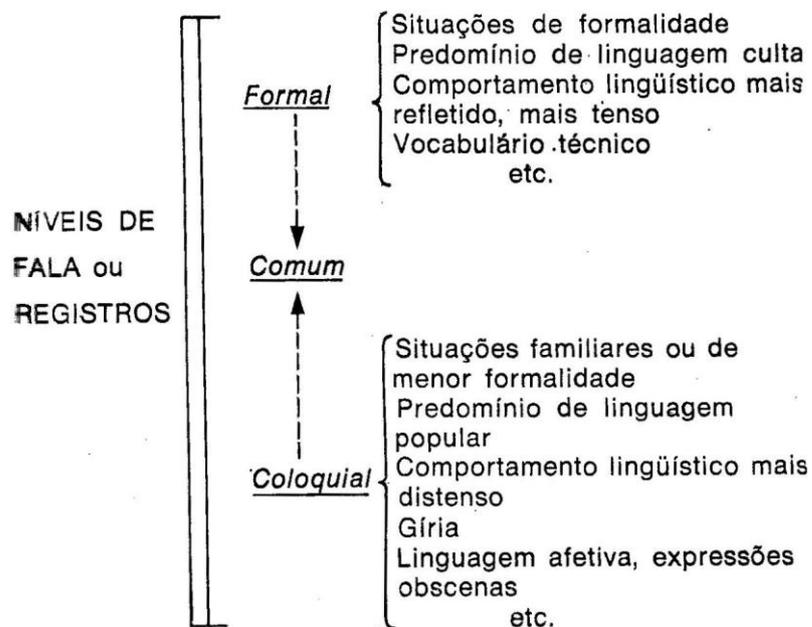


Figura 4 Níveis de fala ou registros
Fonte: (PRETI, 1982, p. 35)

Preti (1982) muitas vezes fala no estabelecimento de classificações intermediárias para os diferentes tipos de variação e na impossibilidade de estabelecer limites definidos entre os graus de variação. Nesse sentido, podemos traçar um paralelo entre sua teoria e a teoria dos três *continua* de variação de Bortoni-Ricardo (2006, p. 137), que autora define como um recurso metodológico para descrever as variedades populares do português, em vista da complexidade de que se reveste a variação linguística na comunidade de fala brasileira.

De acordo com sua proposta, temos o *continuum rural-urbano*, o de *oralidade-letramento* e de *monitoração estilística*. Em relação ao *continuum* rural-urbano, a autora explica que:

O *continuum* de urbanização se estende desde as variedades rurais geograficamente isoladas, conhecidas genericamente como “dialeto caipira” (Amaral, 1976), (...), até a variedade urbana culta (...) podendo-se situar o falante em qualquer posição ao longo deste *continuum*. (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 40)

Bortoni-Ricardo explica ainda que o falante pode se situar em qualquer posição ao longo desse *continuum* e postula a existência de dois tipos de regras variáveis: regras que definem uma estratificação ‘descontínua’ e que caracterizam as variedades regionais e sociais mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras graduais, que definem uma estratificação contínua e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que eles conferem à própria fala. Um exemplo de regra descontínua seria “citero”, em vez de *critério*, e um exemplo de regra gradual seria “tá”, no lugar de *está*. (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 40; 45-46).

Quanto ao *continuum* oralidade-letramento, a autora diz que seus polos são constituídos por práticas sociais de oralidade e práticas sociais de letramento:

Nos diversos domínios sociais, inclusive na sala de aula, as atividades próprias da oralidade são conduzidas em variedades informais da língua, enquanto para as atividades de letramento os falantes reservam um linguajar mais cuidado. (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 40)

No *continuum* de monitoração estilística, Bortoni-Ricardo explica que existem graus de atenção e planejamento conferidos pelo falante à sua interação, que vão depender de vários fatores, entre os quais: a acomodação do falante a seu interlocutor; o apoio contextual na produção dos enunciados; a complexidade cognitiva envolvida na produção linguística e a familiaridade do falante com a tarefa comunicativa que está sendo desenvolvida. (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 41)

Diante da constatada impossibilidade de se estabelecerem limites definidos para os graus de variação, pensamos que o modelo dos três *continua* de Bortoni_Ricardo constitui um importante avanço na trajetória dos estudos linguísticos

e uma valiosa ferramenta facilitadora para os cientistas que se dedicam à descrição e à classificação das variedades linguísticas que são utilizadas pela comunidade de fala brasileira, como também para os professores de Língua Portuguesa, uma vez que, nessa teoria, a variação linguística é analisada sob a ótica de sua natureza gradual, superando algumas dicotomias entre as normas ditas “cultas” e as normas populares.

Neste trabalho, adotamos a concepção de língua como o conjunto das variedades utilizadas por uma determinada comunidade, conforme o terceiro conceito de língua descrito por Possenti (2003, p.49). Consequentemente, entendemos que o ensino da língua não deve considerar apenas a gramática normativa, uma vez que as diversas variedades que compõem a nossa língua também possuem suas próprias normas, concebendo o termo *norma* como o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, conforme Faraco (2008, p. 40) e lembrando que, conforme constatamos em Preti (1982), Bortoni-Ricardo (2006) e Faraco (2008), não há grandes diferenças entre essas diversas normas e variedades.

Abordaremos agora mais um tipo de variação linguística, a saber: a variação que ocorre ao longo do tempo. Para percebermos essa variação, basta compararmos textos mais antigos com textos atuais. A língua é um fator social e, enquanto houver pessoas falando uma língua, ela vai sofrer variação e mudança, porque são os falantes que vão alterando as regras de funcionamento da língua para torná-las mais adequadas às suas necessidades de interação. Embora esse fato pareça óbvio, ainda é visto por muitas pessoas, leigas ou especialistas, como algo negativo, um sinal de decadência, de deturpação da língua.

Muitos fatos da língua que são muitas vezes chamados de “erros”, depois de uma observação mais atenta, à luz dos estudos da Fonologia Diacrônica, passam a ser percebidos como simples amostras de tendências que já existem na língua há muito tempo.

Bagno (2009, p.43) traz algumas variantes que são exemplos de processos de mudança que estão em ação até hoje, como “sodade” (saudade) e “orora” (aurora), presentes em variedades rurais de muitas regiões do Brasil. Nessas palavras, o ditongo *au* segue a tendência de se transformar em *o*, num processo chamado *monotongação*, assim como em *auricula*>*orelha* e *auru*>*ouro*, na passagem do Latim para o Português. Porém em *fruta*, também encontrada em

algumas variedades rurais, segundo o autor, houve a manutenção do ditongo *ui*, como encontrado em textos escritos em Portugal há quinhentos anos. Em Cavaliere vimos que (grifos do autor):

A ocorrência da monotongação na Fonologia diacrônica é prolífera. Palavras latinas com o grupo *-ct*, por exemplo, resultaram em formas portuguesas com ditongo, que, posteriormente, monotongou-se: *fructu>fruito>fruto*; *luctu>luito>luto*. (CAVALIERE, 2005, p. 149).

Isso acontece porque a mudança linguística não ocorre de uma hora para outra. Durante muito tempo as formas antigas e novas são usadas simultaneamente de forma concorrente. Se a maior parte dos falantes eleger a forma nova, ela será considerada a “correta” até uma próxima inovação. (BAGNO, 2009, p. 44)

Esses são apenas dois exemplos da vasta quantidade de fatos da língua que podem ser explicados por meio de diferentes processos fonológicos. A partir desses conhecimentos o professor pode entender como e porque ocorrem e, desse modo, instrumentalizar-se para o planejamento das atividades a serem realizadas por seus alunos.

2.6 O Ensino da Língua Materna e a Variação Linguística

A confusão entre língua e gramática normativa contribuiu para um comportamento preconceituoso contra os falantes de variedades populares, que faz com que muitas crianças falantes de diversas variedades sejam estigmatizadas como incapazes quando chegam à escola, o que acaba por desestimulá-las a aprender.

Uma das tarefas principais da escola é conseguir, pelo ensino das variedades de prestígio, que o aluno tenha acesso às atividades de todas as classes sociais, a fim de que possa defender os seus direitos legítimos e inalienáveis. E a partir desse ponto, surgem as dúvidas sobre ensinar ou não gramática, que gramática ensinar e como ensinar.

Segundo Staub (1992, p. 30), todo ensino deve ser gramatical. Mas para ele, saber gramática não significa dominar nomenclaturas, saber regras e exceções. Saber gramática é saber concatenar, combinar, criar de acordo com regras interiorizadas. É saber falar, escrever com clareza e eficiência e dominar o mais

automaticamente possível o sistema de regras do nosso meio de comunicação, o português.

O avanço dos estudos linguísticos vem contribuindo, ainda que de forma discreta, para uma mudança no ensino de Português, antes estritamente normativo, como apontam diversas pesquisas. Possenti e Ilari (KIRST, CLEMENTE, et al, 1992, p. 11) enumeram algumas contribuições que a Linguística trouxe para o ensino de línguas:

a relação da lingüística com o ensino de línguas é a de buscar nas diversas teorias, princípios capazes de combinar-se numa concepção minimamente consistente de língua e de aprendizagem: o estruturalismo convenceu-nos de que todas as línguas (todos os dialetos) são iguais; a GGT acostumou-nos a pensar numa gramática internalizada, responsável por nosso desempenho lingüístico; a sociolingüística mostrou que os falantes dominam gramáticas variáveis e têm sensibilidade para realizar as alterações estilísticas requeridas pelos diferentes contextos; as teorias interacionistas mais recentes nos lembram a todo momento que falamos para um interlocutor real, com a conseqüência, entre outras, de que escrever para ser lido é natural, mas é artificial escrever por escrever; esses princípios hipotéticos — termo que escolhemos de propósito para indicar que não comportam nenhuma garantia de um sucesso pedagógico — uma vez conjugados, não permitem antecipar no detalhe que tipos de conteúdos e estratégias pedagógicas se devam privilegiar, embora nos permitam excluir alguns; mas certamente apontam para um conjunto de atitudes pelas quais o ensino da língua materna se aproxima ao máximo do uso real e das condições naturais de aprendizado da língua. (KIRST, CLEMENTE, et al, 1992, p. 11)

Em relação a essas contribuições, Bortoni-Ricardo (2006, p. 130) diz que “não basta, por exemplo, escrever uma gramática variacionista e entregá-la ao professor”. É necessário contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos. A autora explica que professores que adotam essa pedagogia desenvolvem intuitivamente estratégias interacionais em sala de aula, nas quais o aluno é ratificado pelo professor e por seus pares como um falante legítimo e começa a aprender a alternar seu dialeto vernáculo e a língua de prestígio. A sociolinguista nos apresenta um exemplo: “diante da realização de uma regra não-padrão pelo aluno, a estratégia do professor deve incluir dois componentes: a identificação e a conscientização da diferença. ” (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 196). Em relação à conscientização, lembra:

É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas essa conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é, sem causar interrupções inoportunas. (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 196)

Um exemplo concreto para a atitude sugerida na citação seria o professor dar continuidade a uma contribuição do aluno, elaborando-a e ampliando-a. No caso de essa contribuição ser proferida numa variedade popular, o professor, num processo de “andaimagem”, no momento de retomada da contribuição, pode justapor a variante de prestígio tecendo comentários sobre as duas variantes, permitindo, desse modo, o desenvolvimento da consciência do aluno sobre variação linguística. (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 197). Para a autora, a prática de uma pedagogia culturalmente sensível, que prevê o respeito às características socioculturais e individuais dos alunos, pode reduzir as dificuldades de comunicação e os conflitos de identidade entre alunos e professores.

Segundo a autora, a principal influência dos estudos sociolinguísticos para a educação provém da ênfase na premissa de que todas as variedades que compõem a ecologia linguística de uma comunidade são funcionalmente comparáveis e essencialmente equivalentes. (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 151).

Em relação às estratégias de abordagem de tópicos gramaticais, as ideias contidas em Bagno (2000, p. 159) podem servir de estímulo aos professores na elaboração de programas que contemplem o estudo da variação linguística. Nesse livro, o autor diz que a disciplina Língua Portuguesa deve conter uma boa quantidade de atividades de pesquisa, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio conhecimento de gramática.

Para cada assunto a ser abordado (colocação de pronomes, estratégias de relativização, regência verbal, concordância nominal, etc.), segundo o autor, seria o caso de levantar um corpus o mais diversificado possível para que nele se buscasse apreender as regras das diferentes variedades de língua, a distribuição dos usos de acordo com a modalidade de língua, com o registro, com o gênero de texto, etc.

Esse corpus, para ser diversificado, deveria conter texto literário “clássico”, texto literário “moderno”, notícias de jornal, história em quadrinhos, crônicas assinadas, páginas da internet, gravações de documentários na televisão, de programas de rádio, de telenovelas, de programas de entrevistas, de gravações de

fala espontânea de pessoas de diversas extrações sociais, geográficas e assim por diante.

Para o autor, o professor de português não pode mais ser apenas um repetidor da doutrina gramatical normativa. Ele deve se converter num pesquisador e orientador de pesquisas a serem empreendidas por ele junto com seus alunos. Para tanto, porém, é preciso que o professor de língua se conscientize de que ele é um linguista, um estudioso da língua, capaz de produzir conhecimento e material didático adequado para as necessidades de seus alunos.

Pactuamos com as ideias de Staub (1992), Bagno (2000) e Bortoni-Ricardo (2006), que buscam adequar o ensino dos conteúdos da gramática normativa às novas perspectivas de ensino da língua. Pensamos que, participando ativamente do processo de construção do próprio aprendizado, ao mesmo tempo em que se sente valorizado enquanto falante, tendo seus usos linguísticos legitimados, o aluno se sentirá mais livre para criar, ousar, experimentar, simplificando assim, seu transcurso no domínio de uma nova variedade. A inclusão do estudo das variedades linguísticas nos permite uma série de possibilidades de inovação nas metodologias para o ensino de língua. Cabe-nos selecionar aquelas mais adequadas ao trabalho que pretendemos desenvolver.

Como veremos nas próximas seções deste trabalho, os principais documentos normativos já orientam para um ensino que valorize as diversas variedades que compõem a nossa língua. Na seção a seguir, faremos uma breve análise do texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, relacionando-o ao que dizem alguns especialistas na área de Linguística, variação e ensino.

2.7 Os Parâmetros Curriculares Nacionais

O texto de apresentação dos Parâmetros Curriculares Nacionais. (BRASIL, 1998, p. 05) diz que os documentos apresentados são o resultado de um longo trabalho que contou com a participação de muitos educadores brasileiros.

Inicialmente foram elaborados documentos, em versões preliminares, para serem analisados e debatidos por professores que atuam em diferentes graus de ensino, por especialistas da educação e de outras áreas, além de instituições governamentais e não-governamentais. O texto diz ainda que a atual versão deverá

ser revista periodicamente, com base no acompanhamento e na avaliação de sua implementação.

Lemos também que a finalidade do documento é servir de referência para as discussões curriculares da área em curso há vários anos em muitos estados e municípios e contribuir com técnicos e professores no processo de revisão e elaboração de propostas didáticas. (BRASIL, 1998, p.13)

Faremos agora uma breve análise crítica dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o segundo segmento do Ensino Fundamental, relacionando as propostas pedagógicas gerais para tratamento da língua em sala de aula contidas no documento às concepções de gramática, norma e variação linguística contidas em recentes estudos sobre o assunto.

2.7.1 Reflexão sobre a linguagem

Na seção intitulada *Reflexão sobre a Linguagem*, na apresentação da área de Língua Portuguesa, encontramos a orientação de que as atividades curriculares de Língua Portuguesa devem ser atividades discursivas e de que o texto deve ser tomado como a unidade de ensino e que:

a atividade mais importante, pois, é a de criar situações em que os alunos possam operar sobre a própria linguagem, construindo pouco a pouco, no curso dos vários anos de escolaridade, paradigmas próprios da fala de sua comunidade, colocando atenção sobre similaridades, regularidades e diferenças de formas e de usos lingüísticos, levantando hipóteses sobre as condições contextuais e estruturais em que se dão. É, a partir do que os alunos conseguem intuir nesse trabalho epilingüístico, tanto sobre os textos que produzem como sobre os textos que escutam ou lêem, que poderão falar e discutir sobre a linguagem, registrando e organizando essas intuições: uma atividade metalingüística, que envolve a descrição dos aspectos observados por meio da categorização e tratamento sistemático dos diferentes conhecimentos construídos. (BRASIL, 1998, p. 28)

Percebemos na principal orientação da seção uma conformidade com o pensamento de Franchi (2006) no que diz respeito à prática de atividades linguísticas, epilingüísticas e metalingüísticas. O autor diz que a escola deve tornar-se um espaço de rica interação social para que a atividade linguística possa ser reproduzida também nesse ambiente. A escola deve criar condições para o exercício do saber linguístico de seus alunos.

Prosseguindo em seu trabalho, o professor deve levar as crianças a trabalharem com a linguagem, comparando expressões, transformando-as e experimentando novos modos de construção. A esse conjunto de ações o autor chama de atividades epilinguísticas.

Franchi diz ainda que esse tipo de atividade consiste numa introdução para um trabalho inteligente de sistematização gramatical, na qual o aluno pode fazer hipóteses sobre a natureza da linguagem, pode descrevê-la em um quadro nocional intuitivo ou teórico, ou seja, uma atividade metalinguística.

Na mesma seção, porém, como podemos observar nos trechos destacados abaixo, parece não haver distinção entre os conceitos de *norma-padrão* e *norma gramatical* expostos em Faraco (2008) e já explicitados na seção *Pressupostos Teóricos* deste trabalho:

Tomar a língua escrita e o que se tem chamado de língua padrão como objetos privilegiados de ensino-aprendizagem na escola se justifica, na medida em que não faz sentido propor aos alunos que aprendam o que já sabem. Afinal, a aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento de capacidade intelectual e lingüística dos alunos oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua competência discursiva. (...)
Contudo, não se pode mais insistir na idéia de que o modelo de correção estabelecido pela gramática tradicional seja o nível padrão de língua ou que corresponda à variedade lingüística de prestígio. (BRASIL, 1998, p. 30-31)

Faraco (2008) expõe que “nossos bons gramáticos já não insistem na defesa categórica da norma-padrão do século XIX” e que nossas melhores gramáticas atuais estão num meio termo entre “os excessos caprichosos” da norma-padrão, citando a expressão usada por Evanildo Bechara, e as descrições sistemáticas da norma culta/comum/standard e lembra-nos que:

“(...) a norma culta brasileira falada se identifica, na maioria das vezes, com a linguagem urbana comum, ou seja, com a fala dos falantes que estão fora do grupo dos chamados (tecnicamente) de cultos (cf. Preti, 1997:18) e não propriamente com as prescrições da tradição mais conservadora.” (FARACO, 2008, p.48)

Além disso, o autor observa que embora haja a necessidade de combater o preconceito linguístico, não podemos negar que existam variedades que gozam de maior prestígio em nossa sociedade:

“Outra percepção importante desse processo de qualificação das normas foi a de que existe uma hierarquização social delas. Isto é, embora não haja critérios linguísticos capazes de sustentar uma diferenciação qualitativa das normas, esta diferenciação ocorre e é feita por determinados segmentos da sociedade tomando por base valores socioculturais e políticos.” (FARACO,2008, p.56)

Ao lermos a citação, somos levados a pensar que não se trata de “insistir numa ideia”, como diz o texto dos Parâmetros, mas apenas constatar que existe a valorização de algumas normas em detrimento de outras.

2.7.2 Objetivos, conteúdos e critérios de avaliação para o ensino de Língua Portuguesa

De acordo com o PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p.32), no processo de ensino-aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental, espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania. Para isso, a escola deverá organizar um conjunto de atividades que, progressivamente, possibilite ao aluno, entre outros objetivos:

- utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso;
- utilizar a linguagem para estruturar a experiência e explicar a realidade, operando sobre as representações construídas em várias áreas do conhecimento: sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos, reconstruindo o modo pelo qual se organizam em sistemas coerentes; sendo capaz de operar sobre o conteúdo representacional dos textos, identificando aspectos relevantes, organizando notas, elaborando roteiros, resumos, índices, esquemas etc.; aumentando e aprofundando seus esquemas cognitivos pela ampliação do léxico e de suas respectivas redes semânticas;

- analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação dos textos: contrapondo sua interpretação da realidade a diferentes opiniões; inferindo as possíveis intenções do autor marcadas no texto; identificando referências intertextuais presentes no texto; percebendo os processos de convencimento utilizados para atuar sobre o interlocutor/leitor; identificando e repensando juízos de valor tanto socioideológicos (preconceituosos ou não) quanto histórico-culturais (inclusive estéticos) associados à linguagem e à língua; reafirmando sua identidade pessoal e social;
- conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito lingüístico;
- reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades;
- usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de análise lingüística para expandir sua capacidade de monitoração das possibilidades de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica. (BRASIL, 1998, p.32)

Os objetivos gerais estabelecidos pelo Ministério da Educação para o Ensino Fundamental demonstram certa sintonia com os estudos linguísticos, que apontam para a necessidade de reorientação das práticas pedagógicas adotadas nas escolas, conforme podemos observar em Vieira & Brandão (2014, p. 09-10):

“Em linhas gerais, adotamos três princípios fundamentais à prática didático-pedagógica: (i) o objetivo maior do ensino de Língua Portuguesa é desenvolver a competência de leitura e produção de textos; (ii) a unidade textual – em toda a sua diversidade de tipos e gêneros, nos diferentes registros, variedades, modalidades, consoante as possíveis situações sociocomunicativas – deve ser o ponto de partida e de chegada das aulas de Português; e (iii) os elementos de natureza formal – relativos aos diferentes níveis da gramática – são essenciais para a construção do texto.” (VIEIRA & BRANDÃO, 2014, p.09-10):

Porém as orientações oficiais evidenciam um caráter instrumentalista do ensino da língua, o que veremos também nos princípios organizadores dos conteúdos, nos quais encontramos:

“(...) os conteúdos de Língua Portuguesa articulam-se em torno de dois eixos básicos: o uso da língua oral e escrita, e a reflexão sobre a língua e a linguagem (...)”

“De maneira mais específica, considerar a articulação dos conteúdos nos eixos citados significa compreender que tanto o ponto de partida como a finalidade do ensino da língua é a produção/recepção de discursos. Quer dizer: as situações didáticas são organizadas em função da análise que se faz dos produtos obtidos nesse processo e do próprio processo. Essa análise permite ao professor levantar necessidades, dificuldades e facilidades dos alunos e priorizar os aspectos que serão abordados. Isso favorece a revisão dos procedimentos e dos recursos lingüísticos utilizados na produção e a aprendizagem de novos procedimentos/recursos a serem utilizados em produções futuras.” (BRASIL, 1998, p. 34)

Em Vieira (20014) vemos que se seguíssemos rigorosamente o que propõem as orientações oficiais, o ensino da gramática assumiria uma concepção fundamentalmente instrumental, o que não é consenso nos meios acadêmicos e escolares. E completa:

“(...) mesmo que se assumia tal concepção, constitui um exercício no mínimo de grande criatividade conjugar os **componentes gramaticais à produção de sentidos** em cada atividade ou texto trabalhado, sem que essa conjugação se limite ao reconhecimento e à exemplificação de categorias gramaticais e sem deixar de atentar para as formas alternantes (**variação linguística**) empregadas no texto lido ou produzido.” (VIEIRA, 2014, p.4)

Na definição de critérios para a avaliação da aprendizagem lemos que os alunos devem escrever textos sabendo utilizar os padrões da escrita, observando regularidades linguísticas e ortográficas, empregando adequadamente os tempos verbais e obedecendo às regras de concordância verbal e nominal. Também se espera que os estudantes utilizem os conceitos e os procedimentos constituídos na prática de análise linguística, como a identificação de unidades e suas funções discursivas dentro de determinados contextos.

Em relação aos critérios de avaliação aqui destacados, parece-nos que seria difícil alcançar tais objetivos sem um trabalho de sistematização da língua e a utilização necessária de metalinguagem. Quanto a essa questão, posicionou-se Foltran (2013, p.172):

Saber consultar um dicionário e tomar decisões de uso a partir do que ele apresenta é a prova mais cabal da nossa autonomia no uso da língua. Alguns vão ainda dizer que esse conteúdo pode ser ensinado sem fazer uso da nomenclatura gramatical. Vou também me posicionar contra essa orientação: como na biologia, na química, na física, temos uma nomenclatura especializada. Por que não lançar mão dela como fazemos nas outras áreas? (FOLTRAN, 2013, p.172)

Concluindo esta breve análise dos PCN, podemos dizer que como os objetivos do ensino de Língua Portuguesa apresentados nos Parâmetros e apontados pela maioria dos estudiosos da área são bastante parecidos. Ressalvando o caráter um tanto quanto instrumentalista das orientações oficiais, podemos considerar que o documento se encontra em relativa consonância com os estudos linguísticos, pois ambos recomendam um ensino voltado para o desenvolvimento da competência linguística do aluno.

O fato de ter sido construído coletivamente “conta pontos” para o documento se comparado a uma diretriz imposta “de cima para baixo”, o que divide a responsabilidade da autoria ao mesmo tempo em que possibilita maior adesão à proposta. Embora seja fruto de um esforço coletivo na tentativa de aliar os principais estudos na área da Linguística às práticas pedagógicas adotadas nas escolas, o texto oficial, em algumas seções, demonstra certa discordância com estudos recentes nessa área, como nas concepções de norma e de gramática tradicional adotadas.

Outro aspecto que pareceu em desacordo com o pensamento dos teóricos do assunto diz respeito à metodologia empregada na prática da análise linguística e à utilização ou não de metalinguagem.

Conforme o previsto no próprio texto de apresentação aos professores, talvez fosse o caso de proceder a uma revisão do documento à luz dos mais recentes estudos linguísticos concernentes ao tema para uma maior adequação ou aproximação dos objetivos, conteúdos e metodologias a esses estudos.

Nas seções seguintes, trataremos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e faremos a análise do capítulo dedicado ao estudo da variação linguística em um livro didático do sexto ano do ensino fundamental. A análise busca verificar a adequação do livro às recomendações contidas nos documentos oficiais e observar o tratamento dispensado ao referido tema no capítulo específico e em outras partes

da obra, relacionando-o aos textos de especialistas no assunto. Antes de nossa análise, destacaremos alguns estudos semelhantes que já foram desenvolvidos por outros pesquisadores.

2.8 O Programa Nacional do Livro Didático

Em consulta ao site do Ministério da Educação e Cultura (MEC), encontramos um texto de apresentação informando que o PNLD tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. Após a avaliação das obras, o MEC publica o Guia de Livros Didáticos com resenhas das coleções consideradas aprovadas. O guia é encaminhado às escolas, que escolhem, entre os títulos disponíveis, aqueles que melhor atendem ao seu projeto político pedagógico.

O programa é executado em ciclos trienais alternados. Assim, a cada ano o MEC adquire e distribui livros para todos os alunos de um segmento, que pode ser: anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental ou ensino médio. À exceção dos livros consumíveis, os livros distribuídos deverão ser conservados e devolvidos para utilização por outros alunos nos anos subsequentes.

Para escolha dos livros didáticos aprovados na avaliação pedagógica, é importante o conhecimento do Guia do Programa Nacional do Livro Didático. Os professores e a equipe pedagógica analisam as resenhas contidas no guia para escolher adequadamente os livros a serem utilizados no triênio.

A escola deve apresentar duas opções na escolha das obras para cada ano e disciplina. Caso não seja possível a compra da primeira opção, o FNDE envia à escola a segunda coleção escolhida.

Sendo o livro didático um importante instrumento no trabalho pedagógico, muitas vezes a única fonte de leitura de que dispõem os alunos, é necessário que sejam avaliados e selecionados de maneira bastante criteriosa a fim de que possam contribuir de maneira satisfatória para o trabalho do professor.

Tanto o edital de seleção, quanto o guia do PNLD contêm os requisitos necessários para que uma coleção seja aprovada. Neste trabalho, consultamos o Guia PNLD 2014, que contém os critérios de aprovação e a resenha da análise da coleção escolhida para nossa descrição. Há os critérios comuns a todas as disciplinas que são:

Respeito à legislação, às diretrizes e às normas oficiais relativas ao ensino fundamental;

Observância de princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano;

Coerência e adequação da abordagem teórico-metodológica assumida pela coleção no que diz respeito à proposta didático-pedagógica explicitada e aos objetivos visados;

Correção e atualização de conceitos, informações e procedimentos;

Observância das características e das finalidades específicas do Manual do Professor e adequação da coleção à linha pedagógica nele apresentada;

Adequação da estrutura editorial e do projeto gráfico aos objetivos didático-pedagógicos da coleção. (BRASIL, 2013, p. 9-13)

Dentre os numerosos critérios específicos para a disciplina de Língua Portuguesa, podemos destacar alguns mais relacionados ao tema deste estudo, são eles:

Os relativos à natureza do material textual: a coletânea de textos deve ser representativa da heterogeneidade própria da cultura da escrita – inclusive no que diz respeito à autoria, a registros, estilos e variedades (sociais e regionais) do Português –, permitindo ao aluno a percepção de semelhanças e diferenças entre tipos de textos e gêneros diversos pertencentes a esferas socialmente mais significativas de uso da linguagem.

Os relativos ao trabalho com a oralidade: 1. Recorrer à oralidade nas estratégias didáticas de abordagem da leitura e da produção de textos; 2. Valorizar e efetivamente trabalhar a variação e a heterogeneidade linguísticas, situando nesse contexto sociolinguístico o ensino das normas urbanas de prestígio; 3. Propiciar o desenvolvimento das capacidades e das formas discursivas relacionadas aos usos da linguagem oral próprios das situações formais e/ou públicas pertinentes ao nível de ensino em foco.

Os relativos ao trabalho com os conhecimentos linguísticos: 1. Abordar os diferentes tipos de conhecimentos linguísticos em situações de uso, articulando-os com a leitura, a produção de textos e o exercício da linguagem oral; 2. Considerar e respeitar as variedades regionais e sociais da língua, promovendo o estudo das normas urbanas de prestígio nesse contexto sociolinguístico; 3. Estimular a reflexão e propiciar a construção dos conceitos abordados. (BRASIL, 2013, p. 17-19)

A coleção em questão recebeu uma boa avaliação obtendo algumas ressalvas somente em relação ao trabalho com a oralidade, com uma recomendação de um maior subsídio ao aluno pelo professor, devido à pouca orientação que a coleção traz, sendo recorrentes as atividades de debate e leitura expressiva de textos.

Como veremos no capítulo a seguir, os autores e as editoras de livros didáticos (LD) tiveram que se adequar às exigências do MEC no que diz respeito à abordagem e ao desenvolvimento do trabalho com a variação linguística. Nesse capítulo, falaremos sobre as descobertas de outras pesquisas que tratam da abordagem do tema da variação linguística nos livros didáticos.

3 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS

Já foram empreendidos vários estudos sobre o tratamento da variação linguística nos livros didáticos. Destacamos aqui o trabalho de Bagno (2013), no qual o autor, analisa os noventa e seis livros que compunham as vinte e quatro coleções destinadas ao segundo segmento do ensino fundamental aprovadas pelo PNLD 2008, enumera e explicita os sete erros mais comuns na abordagem da variação linguística pelos LD, mostrando os pressupostos teóricos e ideologias nos quais se baseiam e propõe as bases para uma reeducação sociolinguística a ser empreendida pelos professores com seus alunos. Os sete erros que o autor destaca são: 1. Falsa sinonímia culto=padrão; 2. Desconsideração da variação estilística; 3. O padrão como uma “variedade”; 4. Variação=caipira; 5. Escrita homogênea e idealizada; 6. Limitação do conceito de “regra” e 7. “Passar para a norma culta”. (BAGNO, 2013, p. 73-105)

Propondo uma “mudança na regra do jogo” da reeducação linguística, o autor sugere o incentivo à observação da ocorrência, num mesmo texto falado ou escrito altamente monitorado, de regras normatizadas e de regras não normatizadas, mas já incorporadas à gramática real do português brasileiro. (BAGNO, 2013, p. 131). Para o autor, o trabalho de reeducação sociolinguística implica, entre outros aspectos: promover a autoestima linguística dos alunos; levá-los a tomar consciência da escala de valores que existe na sociedade com relação aos usos da língua; ampliar seu repertório comunicativo; desconstruir o preconceito linguístico, promover a formação de um leitor autônomo e promover o reconhecimento da diversidade linguística como uma riqueza da nossa cultura. (BAGNO, 2013, p. 177-178).

O autor também ressalta a importância da reeducação sociolinguística do próprio professor para que ele possa empreender a reeducação sociolinguística de seus alunos. Esse professor não pode compartilhar das ideologias preconceituosas sobre língua que circulam no senso comum e deve saber usar de maneira crítica e autônoma os materiais didáticos que estão à sua disposição. (BAGNO, 2013, p. 179).

Destacamos também a pesquisa de Lima (2014, p. 115), na qual o autor faz uma breve revisão de análises de livros didáticos quanto à sua relação com o tema da variação linguística, apresenta novas análises de livros didáticos a partir de uma

ótica distinta das realizadas anteriormente e formula propostas de novas perspectivas sobre o tratamento que se pode dar a esse tema e sua inserção em materiais didáticos.

Em seu estudo, Lima (2014) observou que os pesquisadores têm, de modo geral, procurado investigar nas obras, como se dá a inserção da variação linguística e de outras determinações dos órgãos oficiais. Nessas investigações foram encontrados problemas como a mistura de critérios e conceitos, excessos metalinguísticos e uma visão de língua homogênea, contrariando as propostas oficiais. Em sua própria pesquisa, compara duas edições de 6º ano (1998 e 2009), de William Cereja e Thereza Magalhães e de ensino médio (2000 e 2011), de Domingues Maia, a fim de observar se houve uma reformulação na reedição das obras para que atendessem às novas exigências do PNLD.

O pesquisador procurou observar se a variação linguística era uma constante na obra ou se aparecia de forma pontual, isolada. Justificando essa motivação, disse que começou a perceber que nas pesquisas anteriormente realizadas eram analisados apenas os capítulos dedicados ao tema e não havia uma preocupação em saber se o mesmo era estendido pelo restante do livro. As outras questões motivadoras de sua análise dizem respeito à terminologia utilizada pelo livro, se ela se adequava aos padrões científicos e era ao mesmo tempo acessível ao aluno; à utilização de gêneros textuais, se eram representativos das variantes linguísticas abordadas, em situações reais de uso e se os fenômenos abordados estão coerentes com a realidade linguística do português do Brasil. (LIMA, 2014, p.123).

Podemos destacar nos resultados da pesquisa a constatação de que nas duas obras analisadas a variação linguística aparece de forma isolada, num capítulo destinado a esse assunto para atender à exigência de abordá-lo no livro didático. No livro do ensino médio, a variação só aparece na edição de 2011 e no restante da obra a abordagem linguística mantém o mesmo padrão da edição anterior, como exercícios de fixação de gramática. O autor alerta para a necessidade de reformulação de todo o livro e diz que elaborar um capítulo sobre o assunto não deveria bastar para torná-lo aceito oficialmente.

Em relação à terminologia, observou que esta se encontrava de acordo com a teoria sociolinguística nos livros, faltando apenas explicitar os conceitos de *norma* e explicar o porquê do termo “culto”. Quanto aos gêneros textuais, no livro de ensino médio há a utilização de textos como uma entrevista do projeto NURC e um trecho

de jornal, que almejam representar determinadas variedades. No que diz respeito à realidade linguística do português do Brasil (PB), o autor observou que nos livros analisados o PB só é objeto de estudo no capítulo destinado à variação; no restante do livro, predomina a descrição do português europeu (PE).

Em suas considerações finais, o autor aponta como um início de solução para os problemas encontrados a produção de trechos de materiais didáticos ilustrativos dos temas discutidos e dá como exemplo a inserção da norma *não padrão* em exercícios e explicações para a compreensão da *norma culta*. (grifos nossos).

Além da forma de inserção do tema da variação no LD, usaremos como parâmetros para nossa análise a ser empreendida no próximo capítulo deste estudo alguns aspectos da pesquisa de Bagno (2013) e Lima (2014): também buscaremos verificar se o tema se estende pelo restante do livro ou se fica restrito a apenas um capítulo, se a terminologia utilizada se adequa aos padrões científicos e observaremos a ocorrência de exercícios do tipo “passar para a norma culta”.

4 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

4.1 Caracterização do Livro

A coleção a que pertence o livro a ser analisado é denominada *Projeto Teláris*, das autoras Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi. Organizada em quatro volumes, compostos de quatro unidades cada um, esta coleção é norteadada pelos gêneros textuais e combina duas formas de agrupá-los: em função das capacidades de linguagem – narrar, relatar, expor, argumentar e instruir – e em função da circulação social: literários, de imprensa, publicitários, de divulgação científica, etc.

Cada unidade possui dois capítulos, nos quais encontramos, em cada um deles, atividades de *Leitura e Interpretação* de textos, divididas em *Compreensão* (questões mais relacionadas ao entendimento do texto propriamente dito, como localização de informações e realização de inferências simples); *Construção* (trata da estrutura do texto) e *Linguagem do texto* (trata das características da linguagem utilizada no texto).

Também encontramos as seções: *Prática de oralidade* (na qual são sugeridas atividades de produção de textos orais); *Outras linguagens* (textos do mesmo gênero que utilizam outro suporte ou textos de outro gênero, mas com a mesma temática); *Conexões* (na qual são apresentados textos que dialogam com o texto principal); *Língua: usos e reflexão*; *Produção de texto* e *Outro texto do mesmo gênero* (texto para fruição).

O volume referente ao 6º ano possui quatro unidades estruturadas a partir do estudo de gêneros textuais, assim organizadas: *Contos da tradição oral*; *Conto: imaginação e realidade*; *Relato pessoal e jornalístico* e *Defender ideias*. Nós mencionaremos apenas unidades, capítulos ou seções nos quais haja conteúdo relevante relacionado ao tema em questão.

4.2 Descrição e Análise do Conteúdo das Atividades Propostas

4.2.1 Introdução

A introdução do volume, intitulada *Língua e diversidade cultural*, cujo objetivo é contextualizar os assuntos que serão estudados no livro, bem como desenvolver conceitos que nele serão trabalhados, combina texto; um mapa-múndi, com destaque para o Brasil e a letra do samba-enredo *Aquarela Brasileira*, de Silas de Oliveira e Martinho da Vila, ressaltando o tamanho do Brasil, país com “dimensões continentais” e justificando, desse modo, a ocorrência da diversidade cultural.

Em seguida, propõe um levantamento da região de origem e de residência de cada um dos alunos a fim de fazer uma comparação entre os hábitos culturais, inclusive em relação ao modo de falar. A partir daí, introduz o tema da diversidade nos usos da língua, começando pelos linguajares característicos de algumas regiões ou estados específicos. Depois, propõe que o estudante leia um texto escrito com expressões de caráter popular, típicas do português de Portugal, leitura esta que só se torna possível após a “tradução” dessas expressões para o português brasileiro. Logo após, diz que toda língua varia em decorrência do tempo, das influências que recebe e conforme o lugar ou a situação em que é utilizada.

Depois disso, discorre sobre língua, linguagens e suportes, expondo algumas imagens de produtos culturais do Homem desde as antigas civilizações (Babilônia e Grécia) até os dias de hoje (um muro grafitado), e fecha a introdução mencionando mais uma vez questão da diversidade: “Estudar a língua significa também ter presente a ideia de que, em um país como o nosso, as diferenças de uso fortalecem a noção de diversidade cultural, que é uma das características do povo brasileiro.” (BORGATTO, BERTIN, MARCHEZI, 2013, p. 15). E diz que, no livro, o aluno vai estudar a língua portuguesa em variadas situações de uso.

Após uma breve análise, percebemos que, na introdução, a questão da variedade linguística é focada a partir, principalmente, das diferenças em relação à localização geográfica dos falantes.

4.2.2 Unidade 1

Abrindo a Unidade 1- *Contos da tradição oral*, vemos uma pequena explicação sobre o ato de contar histórias e o *Ponto de partida*, perguntas iniciais sobre o ato de ouvir e contar histórias, cujo objetivo é despertar o interesse para a leitura do texto principal do Capítulo 1 “*Causo*”/Conto. Após a atividade de leitura do texto *O bisavô e a dentadura* (anexo 1), um conto de Sylvia Orthof baseado em um “causo” mineiro, são sugeridas questões de interpretação do texto, que abrangem a compreensão, a estrutura formal e a linguagem do texto. Vamos nos debruçar apenas sobre o último tipo de questões, que são as que mais atendem ao propósito deste estudo. São sete as questões relacionadas à linguagem do texto.

Questão 1

No enunciado da questão 1, é solicitado ao aluno que leia em voz alta um trecho do texto localizado num quadro ao lado: o lado esquerdo contém a fala do personagem principal transcrita do conto e o lado direito apresenta essa mesma fala reescrita com alterações na linguagem. Na alínea *a)*, o aluno deverá comparar as duas formas de escrever o trecho e listar as diferenças entre elas e na alínea *b)*, emitir sua opinião sobre qual forma seria mais adequada a um conto popular e justificá-la. Segue abaixo, a imagem com o referido trecho:

Fala do avô transcrita do conto	Fala do avô reescrita com alterações de linguagem
<p>“– Tá desculpado, num tem importância. Eu já tava me aborrecendo com a história, mas tão desculpados. Mas até que tô achando bom ficar banguela: vou comer tutu e sopa... e doce de leite mole, ora!”</p>	<p>– Está desculpado, não tem importância. Eu já estava me aborrecendo com a história, mas estão desculpados! Eu já estou achando bom ficar banguela: comerei tutu e sopa... e doce de leite mole!</p>

Figura 5 - Linguagem informal e linguagem formal
 Fonte: (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2013 – Vol 6, p. 24)

Na expectativa de resposta encontramos:

1ª. Prof. (a), espera-se que sejam percebidas as diferenças em relação ao uso típico da linguagem informal em: ta, num, tava, tão, to; ao uso de expressões da oralidade como “até que to” e “ora”; e às formas sintéticas e analíticas, como em: comerei vs. Vou comer. / 1b. Prof. (a), espera-se que o aluno perceba que a linguagem mais informal e popular no conto é mais adequada pelo efeito de humor, de espontaneidade, de expressão de um cotidiano, bem como o fato de ser o registro de um falar típico de uma região. (BORGATTO, BERTIN, MARCHEZI, 2013, p. 24)

Em relação a essa questão, caberia destacar a abordagem acertada da adequação da linguagem ao gênero textual e à situação comunicativa ilustrada pela história, pois trata-se da reprodução de uma cena típica do cotidiano: uma refeição compartilhada pela família, que traduz um ambiente descontraído e íntimo e que constitui uma prática social mais relacionada à oralidade, que foi traduzida pela tentativa de reprodução da fala dos personagens.

Questão 2

Na questão 2, temos:

2. No original, o bisavô diz:

“– Ocês tavam perturbando demais [...].”

Leia outras palavras que, muitas vezes, aparecem reduzidas, principalmente em situações do dia a dia: estão > **tão** você > **ocê** estou > **tô**

Converse com outras pessoas e registre em seu caderno pelo menos mais cinco expressões em que você perceba esse tipo de redução na língua falada no dia a dia.

Sugestões: tava, tai, perai, né, etc.

Figura 6 - Redução de palavras na língua falada
Fonte: (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2013 – vol. 6, p. 25)

Nessa questão, sentimos a necessidade de um propósito para as atividades: levantar a ocorrência das palavras reduzidas com a finalidade de verificar a frequência com que elas aparecem na fala, por exemplo. Será que apareceriam também na escrita em situações formais? Também não ficou claro para o aluno como ele deveria fazer essa pesquisa: como seria essa conversa? Seria em forma

de entrevista? Aliás, seria uma boa oportunidade de propor uma atividade que fizesse uso de situação real de comunicação, na qual o aluno poderia perceber nos dados reais, onde e como ocorre a variação. Além disso, o livro poderia incluir reduções atuais como “refri”, “churras”, “facul”, etc.

Questões 3, 4 e 5

As questões de três a cinco dizem respeito ao vocabulário e trazem perguntas sobre o significado das palavras empregadas no texto, o emprego das acepções mais adequadas de acordo com o sentido a ser atribuído à palavra e uma possível substituição numa linguagem mais formal. Comentaremos apenas a questão 5, alínea a).

5. Releia:

“O pessoal cochichava que ele era mais surdo que uma porta. **Bestagem**, porque se existe coisa que não é surda, é porta: mesmo fechada, deixa passar cada coisa...”

Nesse trecho, há dois usos da linguagem popular: *bestagem* e *mais surdo que uma porta*.

5b. Prof.(a), espera-se que o aluno entenda

Responda: *que a porta fechada não é garantia de que o que é falado não ultrapasse seus limites.*

a) que palavra poderia substituir *bestagem* na linguagem mais formal? Possibilidades: *besteira, bobagem, asneira.*

b) como você explica a expressão do narrador de que a porta não é surda?

Figura 7 – Vocabulário

Fonte: (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2013 – Vol. 6, p. 25)

A alínea a) da questão 5 parece-nos carecer de uma justificativa para a substituição do termo em questão por outro mais formal, uma justificativa que envolvesse outro gênero textual ou outra situação comunicativa, uma vez que, como vimos na questão 1, a linguagem utilizada está perfeitamente adequada à situação comunicativa apresentada no gênero textual estudado. Poderia ser solicitado ao aluno, por exemplo, que imaginasse uma outra situação mais formal, na qual esse uso não fosse o mais adequado ou que escrevesse um texto em outro gênero em que fosse necessário o uso de registro formal.

Questão 6

Na expectativa de resposta da questão 6 também encontramos uma abordagem acertada em relação à adequação da linguagem à situação comunicativa que se apresenta no texto:

6. Leia:

Linguagem formal é a que se emprega, mais comumente, em situações formais de comunicação: documentos, textos científicos, artigos de opinião, notícias em jornais e revistas.

Linguagem informal é a que se usa em situações do dia a dia: entre familiares, entre amigos, em redes sociais na internet, em letras de músicas populares.

No conto "O bisavô e a dentadura", qual tipo de linguagem predomina: o tipo formal ou o informal? Por quê?

É o tipo de linguagem informal. Porque o conto narra uma situação de comunicação familiar em torno de uma mesa de refeição.

Figura 8 - Linguagem formal e linguagem informal
Fonte: (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2013– Vol. 6, p. 25)

Porém, percebemos também uma imprecisão no *box* da mesma questão. No rol de situações nas quais a linguagem formal é empregada, a exemplificação não levou em consideração o público a que se destinam as notícias em jornais e revistas, pois há vários tipos de jornais e revistas destinados a leitores pertencentes aos diversos segmentos da sociedade, o que faz com que a linguagem utilizada nesses veículos de comunicação também varie a fim de atender a um público específico. Seria necessário pensar em algum mecanismo de relativização que levasse a entender que não há uma padronização de registros na linguagem nas notícias dos diversos jornais e revistas. Além disso, há um problema em listar apenas gêneros textuais escritos entre os usos de linguagem formal, o que pode levar a crer que apenas os gêneros escritos são formais.

Questão 7

Na questão 7 encontramos o seguinte enunciado:

7. No conto, o narrador usa certas expressões típicas da língua falada, conhecidas como **marcas da oralidade**. Indique um trecho ou expressão que demonstre essas marcas da oralidade na fala do narrador.

Figura 9 – Marcas da oralidade

Fonte: (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2013 – Vol. 6, p. 25)

A expectativa de resposta apresenta algumas dessas marcas:

Narrador: (socorro, que palavrão); naturalmente; e eu nem posso descrever mais, porque já estou com excesso de peso, só de pensar; hum, que delícia; etc. e tal; dentadura pra lá e pra cá; bestagem, porque se existe coisa que não é surda, é porta: mesmo fechada deixa passar cada coisa... (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2013 – Vol. 6, p. 25)

A questão poderia ter solicitado ao aluno que inferisse a justificativa para também o narrador usar marcas de oralidade. O narrador ou o contador do “causo” também pertencia à mesma comunidade de fala dos personagens? Não havia outra questão que abordasse outras falas do narrador, mas pela leitura do texto, percebemos a ocorrência de palavras e construções abonadas pela norma gramatical como nos trechos: “*Aí, a família ficou sem jeito, jurando que não iria falar mais da dentadura, que tudo **fora** brincadeira, que todos adoravam o velho Arquimedes, que ele desculpasse.*”, na qual destacamos a ocorrência de forma verbal no pretérito mais que perfeito do indicativo, no lugar da forma composta *tinha sido*, mais comum na língua falada em situações informais e “*E **passaram-se** vários dias.*”, na qual ocorre a concordância verbal prescrita pela gramática normativa. Tal alternância de usos merecia ter sido explorada por uma questão, a fim de se evitar uma postura dicotômica em relação aos usos da língua. Essa alternância talvez possa ser explicada pelo fato de o conto ser um texto escrito que tenta recuperar a fala dos personagens e por isso, oscila pelo eixo oralidade-letramento. Perdeu-se uma oportunidade de mostrar que um mesmo falante pode variar sua maneira de

falar, optando por diferentes registros, inclusive numa mesma situação comunicativa. Também pudemos observar o fato de que em nenhum momento do trabalho com a linguagem do texto foi abordada a questão da valoração social que recebem determinadas variedades e do preconceito, que por outro lado, sofrem outras variedades.

Na seção *Outras linguagens*, é apresentada uma história em quadrinhos, cujo objetivo seria estabelecer uma relação entre o gênero analisado na unidade e sua representação em outras linguagens, como a pintura, quadrinhos, charges, fotos etc., no entanto, a única relação que poderíamos estabelecer com o conto diz respeito à tipologia textual: a história em quadrinhos poderia ser classificada como um texto do tipo narrativo porque nela se conta uma história. Não poderíamos relacioná-la ao conto no que diz respeito à linguagem, pois a história é contada quase exclusivamente em linguagem não verbal, com a exceção de uma única frase proferida por uma das personagens; nem à temática, pois as duas histórias tratam de assuntos diferentes. Conforme podemos observar na figura abaixo:



Figura 10 – História em Quadrinhos
 Fonte: (BORGATTO; BERTIN,; MARCHEZI, 2013– Vol. 6, p. 27)

Em *Conexões*, encontramos um pequeno texto informativo sobre os diversos tipos de feijão, um desafio ou repente e uma letra de música do compositor e cantor Luiz Gonzaga. Todos os três textos estão relacionados à introdução do livro *Língua e diversidade cultural*. O texto informativo está diretamente relacionado ao conto, pois na história são citados dois pratos típicos da culinária mineira que levam feijão

em sua receita. O desafio e a letra da música relacionam-se à temática da diversidade cultural e linguística, representando a cultura nordestina.

Na seção denominada *Língua: usos e reflexão*, encontramos a sistematização do estudo das variedades linguísticas. No texto dirigido ao professor, há importantes observações que lembram ao professor que:

Não há uma língua portuguesa única e acabada, mas variedades linguísticas com normas e termos próprios, diferentes em cada região do Brasil, em cada grupo social; a variedade que estudamos na escola, por razões históricas, foi escolhida como a variedade-padrão; que se não dominarmos a norma-padrão corremos o risco de sermos excluídos de alguns grupos sociais ou do acesso a algumas formas de conhecimento acumulado em livros e textos específicos; que é a gramática normativa quem descreve, estuda e padroniza essa língua; que nem sempre o que é considerado melhor ou “o certo”, de acordo com as regras da gramática normativa, é o mais adequado a todas as situações ou circunstâncias; que a variedade-padrão formal deve ser estudada para que saibamos empregá-la sempre que necessário. (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2013 – Vol. 6, p. 30)

Coube-nos observar em relação a esse trecho que a variedade estudada na escola foi escolhida como a padrão por razões não só históricas, mas políticas também. Havia no século XIX o claro interesse de transformar o Brasil numa nação branca e europeizada. O estabelecimento de uma língua padrão mais aproximada ao português europeu da época do Brasil colônia fazia parte desse processo. (PAGOTTO, 1998, p. 55).

É válida a observação de que a gramática não apenas prescreve, mas também contém uma parte descritiva, faltou, porém, a observação de que há outras gramáticas que também realizam esse trabalho de descrição, como as gramáticas chamadas descritivas e as gramáticas de uso.

No texto dirigido aos alunos, o LD conceitua variedades linguísticas como os diferentes usos que se fazem da língua e que elas ocorrem devido à influência de diversos fatores, tais como: a situação comunicativa (aí envolvendo a circunstância, o interlocutor e a intenção), a região e o grupo social.

Cabe mencionar a ausência de referência ao fator histórico, pois as línguas também variam com o passar do tempo. Muitas explicações para a grafia de algumas palavras, fenômenos relacionados à Fonética e à Fonologia provêm dos estudos da história da língua. Até mesmo a questão do vocabulário poderia ter sido mencionada: a língua se renova o tempo todo. Novas palavras estão sempre

surgindo enquanto outras estão caindo em desuso, e essa renovação também está relacionada a fatores históricos, sociais e culturais.

Prosseguindo, o LD explica o que vem a ser situação comunicativa e propõe atividades nas quais o aluno deve comparar textos falados e escritos em linguagens diferentes e refletir sobre essas diferenças.

A música *Cuitelinho*, canção da tradição popular brasileira, é usada como mote para explicar a variedade regional, definida como as diferentes maneiras de se empregar a língua de acordo com a região do país:

Cheguei na bera do porto
onde as onda se espaia
As garça dá meia-volta
senta na bera da praia
E o cuitelinho não gosta
que o botão de rosa caia, ai, ai, ai

www.museu.ufpa.br/pt-br/entrada

Quando eu vim de minha terra
Despedi da parentaia
Eu entrei em Mato Grosso
dei em terras paraguaia
Lá tinha revolução
enfrentei fortes bataia, ai, ai, ai

A tua saudade corta
como o aço de navaia
O coração fica aflito
bate uma, a outra faia
E os oio se enche d'água
que até a vista se atrapaia, ai, ai, ai

TEIXEIRA, Renato; Pena Branca; Xavantinho.
Ao vivo em Tatu. [S.l.]: Kuarup Discos,
2005. 1 CD. Faixa 16.

Figura 11 – Canção *Cuitelinho*
Fonte: (BORGATTO;BERTIN;
MARCHEZI, 2013 – Vol. 6, p. 32)

O LD traz a seguinte afirmação: “Cuitelinho’ reproduz uma variedade regional, ou seja, o falar típico de pessoas da região onde essa música foi encontrada.” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2013 – Vol. 6, p. 32). O problema de associar a letra da música somente à variação regional é o de não deixar claro para o aluno que nem todas as pessoas daquela região falam do mesmo modo, isso

ocorre porque a variação social não foi considerada. Há o perigo de generalização, que pode levar à criação de estereótipos. É preciso mostrar ao aluno que há variação dentro da própria variedade.

A letra da canção é trabalhada de maneira adequada, seguida de questões que levam a reflexões pertinentes sobre os efeitos de possíveis alterações com o objetivo de tornar a linguagem utilizada mais próxima da linguagem formal, lembrando que essa alteração acarretaria a perda de sonoridade e ritmo da canção.

O aluno também é levado a refletir sobre a questão da redundância da regra do plural. O LD mostra que nas formas I. “*onde as onda se espaia*”; II. “*As garça dá meia-volta/senta na bera da praia*” os artigos contêm a marca de plural e que esse fato basta para que saibamos que os nomes que vêm a seguir também estão no plural.

O LD lembra também que, assim como em “bera”, presente na letra da música, é muito comum no nosso falar cotidiano o desaparecimento do *i* na pronúncia do grupo *ei* e pede que o aluno fale outras cinco palavras que têm o grupo de vogais *ei* e que ele pronuncia como se tivessem apenas o *e*. Na expectativa de resposta, encontramos: *cadeira, manteiga, cabeleireiro, caranguejeira, mangueira*, entre outras.

Após os exercícios, seguem duas listas relacionadas ao vocabulário. A primeira, de palavras que são conhecidas por outros nomes em outras regiões do país, a fim de exemplificar a variação regional lexical; e a outra, de algumas expressões usadas especificamente na capital catarinense, com o respectivo significado. O LD também menciona as diferenças nas linguagens usadas por jovens e adultos e propõe atividades de reflexão sobre essas diferenças, utilizando uma tirinha na qual os personagens usam gírias.

Na seção *Atividades: o uso de variedades linguísticas*, o LD apresenta na atividade 1 duas propostas de produção textual em duplas. Na proposta A, os alunos devem elaborar uma carta ao diretor da escola solicitando permissão para usar a quadra de esportes nos finais de semana. Na proposta B, eles devem escrever um aviso para comunicar aos colegas que a quadra poderá ser utilizada e convidá-los para assistir à partida.

A atividade 2 observa que os alunos utilizaram diferentes variedades de linguagem para atender às características de cada destinatário e à intenção comunicativa, e em seguida pergunta ao aluno se podemos considerar que há uma

linguagem mais certa que a outra, justificando sua resposta. A intenção dessas atividades é a de levar o aluno a perceber que as diferentes variedades utilizadas atendem a diferentes propósitos, de acordo com a situação comunicativa.

Fechando o capítulo, após um estudo sobre frase, pontuação e entonação, há uma proposta de produção textual em grupo. O gênero textual a ser produzido é um conto, escrito a partir de uma pintura de óleo sobre tela e que deverá ser contado como um “causo”. Há também uma leitura de *Outro texto do mesmo gênero*, o texto *Dois caboclos na enfermaria*, de Rolando Boldrin, na qual a fala das personagens é apresentada numa linguagem popular rural, o “dialeto caipira”. No final, uma lista dos conteúdos estudados no capítulo e a sugestão para que o aluno registre em seu caderno o seu desempenho, destacando os conteúdos nos quais avançou e os quais precisa rever, além de outras observações.

No capítulo dois, na seção *Linguagem do texto*, os registros formal e “informal” são definidos como formas de variedades linguísticas, sendo o registro formal chamado de “variedade-padrão”. Logo depois, a variedade-padrão é chamada de nível formal, revelando uma imprecisão na definição dos termos que pode confundir o aluno.

4.2.3 Outras Unidades e Capítulos

No capítulo quatro, na seção *Linguagem do texto* encontramos um enunciado que apresenta os seguintes dizeres:

2. Releia a frase:

“ _ Tia, você não entende mesmo, **hein?** ”

A palavra destacada é bastante empregada na língua falada, isto é, na linguagem informal, coloquial. (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2013 – Vol. 6, p. 102)

Nesse enunciado, o uso da expressão explicativa *isto* é pressupõe a informação incorreta de que a língua falada implica sempre o uso do registro coloquial, e sabemos que em determinados contextos, mesmo na língua falada, é necessário o uso do registro formal, como num discurso político, num

pronunciamento de autoridades, num congresso ou seminário científico, por exemplo.

No capítulo cinco, a seção *Língua: usos e reflexão* trata da categoria gramatical dos pronomes e embora não haja alteração no tradicional quadro dessa classe gramatical, o LD traz importantes observações sobre seu uso no cotidiano, lembrando que ele pode variar em função da região, que o *tu* e o *vós* muitas vezes são substituídos por *você* e *vocês* e que o uso do pronome *vós* é muito raro, podendo ser observado ainda em textos religiosos.

Nos capítulos cinco e sete, porém, encontramos questões nas quais são retratadas situações do cotidiano, como uma menina indo à feira com seu gato ou duas crianças conversando, com enunciados que solicitam a reescrita dos diálogos e a substituição dos termos utilizados por outros mais formais. Pensamos que se a fala já estava adequada para a situação não haveria necessidade de reescrita.

4.3 Conclusão

O livro didático trata da variação linguística mencionando de alguma forma a nossa pluralidade linguística, lembrando que o Português não é uma língua única, ela é composta por variedades e que cada uma tem suas próprias normas, e embora as variedades regionais tenham maior destaque, como na maioria dos livros, o tratamento não se limita a elas, abrangendo também as variedades ligadas à situação comunicativa e aos grupos sociais.

Em alguns momentos há uma abordagem acertada em relação à adequação da linguagem ao gênero textual e à situação comunicativa em questão. Em outros, porém, faltou um propósito para a atividade sugerida, como a simulação de uma situação real de uso, por exemplo. Além disso, muitos exercícios solicitavam ao aluno que fizesse alterações em trechos de textos a fim de apenas torná-los mais formais sem que houvesse modificação no contexto ou situação comunicativa que justificasse tais alterações.

Do mesmo modo, faltou mostrar ao aluno que pode haver variação dentro da variedade, quando um mesmo falante pode fazer uso de diferentes registros, inclusive dentro de uma mesma situação comunicativa e que pessoas que moram na mesma região podem apresentar diferenças na maneira de falar devido a fatores

sociais, isso tudo tendo em mente a noção de cruzamento dos *continua* de urbanização, letramento e monitoração estilística.

Além disso, causaram-nos alguma preocupação a presença de certa dicotomia entre oralidade e escrita, na qual a escrita está relacionada à formalidade e a uma ideia de homogeneidade e a fala está relacionada à informalidade e à heterogeneidade; e a ausência de menção ao preconceito linguístico, suas causas e suas implicações. Percebemos também uma imprecisão na definição de alguns conceitos como *registro* e *variedade*, por exemplo, fato que pode gerar dúvidas no aluno dificultando a sua aprendizagem.

Apesar dos problemas descritos acima, nota-se um empenho por parte das autoras na adequação do conteúdo de variação linguística não só às exigências do MEC, mas também aos estudos no campo da Sociolinguística. Esta análise não pretendeu esgotar todas as possibilidades de uso do material. Naturalmente, cabe aos profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, mais especificamente aos professores, decidir e planejar a melhor utilização dos materiais de que dispõem, sendo o livro didático uma entre muitas possibilidades.

Uma alternativa para tentar suprir eventuais lacunas encontradas nos materiais pedagógicos à disposição é a elaboração do próprio material. No capítulo a seguir, apresentaremos uma proposta de intervenção pedagógica composta de atividades diversas envolvendo o tema da variação linguística. Esperamos que, de alguma forma, essa iniciativa possa servir de estímulo a outras iniciativas semelhantes na busca pelo contínuo aprimoramento de nossas práticas pedagógicas.

5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A partir das análises e reflexões a respeito das questões abordadas ao longo deste estudo, elaboramos uma sequência de atividades que visa despertar nos alunos a conscientização de que a variação linguística é um fenômeno natural inerente a todas as línguas e que embora seja importante o aprendizado das variedades de prestígio, é preciso combater a cultura do preconceito linguístico, cultivando o respeito e a valorização das diferenças nos modos de falar e escrever, considerando as noções de adequação da linguagem à situação comunicativa e de desenvolvimento da competência linguística.

A sequência didática proposta neste trabalho compõe-se de nove aulas, que foram ministradas em quatro encontros com uma turma de sexto ano de uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro localizada na Zona Norte da cidade. A turma é composta por vinte e seis alunos regularmente matriculados, dois quais, vinte e dois são frequentes e durante a aplicação da sequência trabalhamos com uma presença máxima de dezoito alunos. A faixa etária dos alunos é de onze a catorze anos.

No plano de aula, apresentaremos os objetivos e os procedimentos metodológicos realizados durante a aplicação da mesma. Em seguida, serão expostos as atividades propostas e os resultados, questão a questão, e de acordo com a seguinte metodologia: primeiro será apresentada a questão, seguida de uma justificativa e, posteriormente, os resultados, seguidos de comentários, observações, exemplos, etc. Após a repetição desse mesmo procedimento para todas as aulas, apresentaremos uma conclusão geral a respeito dos resultados encontrados após a aplicação de toda a sequência de atividades.

5.1 Aplicação e Análise de Resultados da Sequência Didática

Aula 1 Questionário de Diagnóstico Inicial

Plano de aula:

Atividade: Diagnóstico de conhecimentos sobre a variação linguística da Língua Portuguesa.
Duração: uma aula de 50 minutos.
Objetivos:

- Diagnosticar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o conteúdo de variação linguística.
- Despertar o interesse e a curiosidade e provocar uma reflexão sobre o tema.
- Introduzir o tema da variação linguística e apresentar o conteúdo que será trabalhado ao longo da sequência didática.

Procedimentos metodológicos:

- Entregar a cada aluno uma folha impressa contendo um questionário de diagnóstico inicial.
- Resolução das questões individualmente, precedida de breve explicação do enunciado e de termos que possam trazer dificuldade de compreensão e intercalada por discussões do grupo a partir das respostas fornecidas.

Questionário de Diagnóstico Inicial e resultados

Questão 1. Você acha que as diferentes línguas faladas em todo o mundo, como o Inglês, o Português e o Francês permanecem sempre as mesmas, independente das pessoas que as utilizam, da época e do lugar em que se encontram? Ou você acredita que as línguas podem sofrer mudanças? Por quê?

Justificativa: O Objetivo dessa questão além do diagnóstico é o de provocar uma reflexão a respeito do tema, fazendo com que os alunos percebam o caráter universal da variação linguística. Espera-se que os alunos respondam que as línguas podem sofrer mudanças e justifiquem sua resposta mencionando um dos fatores relacionados no enunciado da questão.

Resultados:

Aproximaram-se: 7

Não se aproximaram: 5

Respostas inconclusivas: 1

Comentários: Treze alunos estiveram presentes nessa primeira aula, assim como nas duas próximas, que foram ministradas no mesmo dia. Alguns exemplos de respostas que se aproximaram de um resultado satisfatório, dizendo que as línguas podem sofrer mudanças: “Elas podem sofrer mudanças. Porque dependendo do

lugar, o jeito de falar e a língua mudam.”, “Não, eu acho que muda, porque o tempo vai passando aí nós vamos aprendendo mais coisas, mais palavras.” E: “Não. Podem sofrer mudanças porque cada pessoa tem seu modo de falar.”

Cinco alunos responderam de forma insatisfatória à questão, quatro deles mencionaram as expressões “idiomas”, “línguas” ou “países diferentes” para justificar as diferenças na língua, evidenciando uma má interpretação do enunciado que os levou a comparar as línguas citadas. São as respostas: “Não. Porque cada país tem sua língua. ”, “Não, porque cada língua é diferente.”, “Sim, porque o idioma é diferente.” E: “Sim, porque as línguas mudam em cada país, cidade.” E um aluno respondeu que as línguas permanecem sempre as mesmas, mas não justificou sua resposta.

Houve uma resposta inconclusiva: “Sim. Eu acho sei explico.”

Questão 2. O que você entende por variação linguística?

Justificativa: Essa questão tem por objetivo verificar se os alunos já ouviram falar do assunto e se saberiam explicar o conceito.

Resultados:

Aproximaram-se: 11

Não se aproximaram: 1

Não responderam: 1

Comentários: Como os alunos disseram não ter ouvido falar do assunto, foram orientados a pensar no sentido de cada um dos termos da expressão para assim, formularem uma resposta. A resposta que consideramos não ter se aproximado do desejável ou satisfatório mencionou “idiomas diferentes”. Nós a consideramos insatisfatória porque, nesse ponto, já havíamos especificado que se tratava da variação na Língua Portuguesa especificamente e que não deveriam compará-la com outras línguas. As respostas consideradas satisfatórias dividiram-se, quase igualmente, entre “mudanças na língua” e “modos de falar”.

Questão 3. Quais são os tipos de variação linguística que você conhece? Explique.

Justificativa: Mesmo não tendo os conhecimentos prévios, espera-se que os alunos se utilizem dos comentários e reflexões das questões anteriores para elaborar uma resposta.

Resultados:

Aproximaram-se: 7

Não se aproximaram: 4

Não responderam: 2

Comentários: Consideramos que se aproximaram da resposta os alunos que citaram ao menos um tipo de variação linguística. Dos quatro alunos que não se aproximaram da resposta desejável, dois disseram que não conheciam nenhum, um aluno disse que “as línguas podem mudar por simples letras” e o outro disse que “aprender outra língua mudaria”.

Entre as respostas consideradas satisfatórias, três mencionaram a variação em decorrência do tempo, outras três mencionaram a variação regional e uma delas mencionou os termos “gírias” e “sotaques”, fazendo referência à variação regional e ao registro de fala. Exemplos: “A língua pode mudar com sua região.”, “Ela muda dependendo do lugar ou do tempo.” E: “O jeito de falar as gírias, os sotaques e etc.”

Esses resultados mostram um entendimento do conceito de variação que tende para um único tipo de variação, que é a regional. Após a resolução da questão, conversamos sobre os diferentes tipos de variação linguística que serão vistos no decorrer da aplicação da sequência didática.

Questão 4. O que é variedade padrão?

Justificativa: O objetivo dessa questão é levantar uma discussão a respeito da pertinência da expressão, que é muito utilizada em diversos materiais didáticos.

Resultados:

Aproximaram-se: 5

Não se aproximaram: 6

Não responderam: 2

Comentários: Como relataram desconhecer a expressão, os alunos foram orientados mais uma vez a pensar nos sentidos de cada palavra que a compõem. Dentre os cinco alunos que consideramos terem se aproximado de uma resposta satisfatória, três disseram que é “um modo de falar”, um disse “Um só modo de falar.”, e o outro disse “Uma variedade que só existe em um lugar.”

Dentre os que não se aproximaram, cabe destacar a resposta “É uma mudança que é pra todas as pessoas.”, o que evidencia a confusão entre os termos *variedade* e *variação*. O fato de outras quatro respostas também mencionarem o termo “mudança” mostra que os alunos associaram “variação” àquele termo e não aos termos “diversidade” ou “diferença”, como era o desejado.

Após a resolução da questão, empreendeu-se uma discussão sobre a pertinência da expressão, chegando-se à conclusão de que o mais adequado seria falar em *variedades de prestígio*, uma vez que nem mesmo as pessoas de mais alto grau de instrução falam ou escrevem da mesma maneira sempre, sendo impossível haver um *padrão* a ser utilizado em todas as situações comunicativas, mesmo por um falante dito culto/altamente escolarizado.

Questão 5. Você sabe o que é preconceito linguístico? Explique.

Justificativa: A questão tem o objetivo de estimular a reflexão e o debate sobre o respeito às diferenças.

Resultados:

Aproximaram-se: 8

Não se aproximaram: 5

Comentários: Embora oito alunos tenham se aproximado da resposta esperada, metade deles mencionou a questão do “erro”.

Alguns exemplos de respostas consideradas satisfatórias ou próximas a um resultado satisfatório: “Quando uma pessoa fala de outro modo e outra pessoa fica fazendo brincadeira de mau gosto.”, “É quando uma pessoa fala errado e as outras não aceitam.” E: “Sim, pessoas que têm preconceito com pessoas que falam errado.” No debate, foi esclarecido que não poderíamos falar em erro, pois cada

variedade, que tem suas próprias normas, atende a determinado propósito e se caracteriza de formas distintas.

Alguns exemplos de respostas consideradas insatisfatórias: “Eu acho que é quando a pessoa tem algum defeito.”, “Eu acho que é quando a pessoa é diferente de você e você faz preconceito com ela.” E: “Diferenças de linguagem.” Essas respostas foram assim classificadas por diferentes motivos. Na primeira, há um preconceito a ser trabalhado; na segunda, a resposta deveria estar relacionada à língua, mas o aluno fala do preconceito de uma forma geral e na terceira, o aluno identifica *preconceito* como *diferença*.

Questão 6. *Leia a tirinha abaixo:*



Fonte: <http://atividadeslinguaportuguesa.blogspot.com.br/2011/05/atividades-de-tipos-de-linguagem-e.html>

Observe a linguagem utilizada por Chico Bento. O que você diria a respeito da linguagem do personagem?

Justificativa: Espera-se que os alunos, depois de empreendida a discussão da questão anterior, não percebam as diferenças como “erros”.

Resultados:

Aproximaram-se: 3

Não se aproximaram: 5

Não responderam: 4

Inconclusivas: 1

Comentários: Consideram-se próximas ao satisfatório as respostas que mencionaram os termos “diferente”, “sotaque”, “interior”, “região”, sem relacioná-los ao “erro”.

Nas respostas consideradas insatisfatórias os alunos disseram que o personagem “falava errado” ou “não falava direito”. Na resposta considerada inconclusiva o aluno somente disse que o personagem “trocava as letras” sem tecer nenhum julgamento favorável ou desfavorável.

Empreendeu-se uma discussão sobre variedades regionais. Dissemos que não se poderia falar em “erros” uma vez que essas variedades também seguem normas, que são diferentes das normas das variedades de prestígio.

Questão 7. O que você entende por competência linguística?

Justificativa: estimular o interesse e promover o debate sobre o tema.

Resultados:

Aproximaram-se: 1

Não se aproximaram: 9

Não responderam: 3

Comentários: A única aluna que se aproximou de uma resposta satisfatória não explicou o que era “ser competente em uma língua.”

Destacamos entre as que não se aproximaram respostas como “uma pessoa que fala perfeitamente”, “ter a capacidade de falar outras línguas”. “É quando uma pessoa fala muito bem uma língua.”

Foi explicado o conceito de competência linguística como a habilidade de falar, ler e escrever diferentes textos em diversas variedades de acordo com cada situação comunicativa.

Os termos “insatisfatório (a)”, “satisfatório (a)” e “desejável” utilizados nos comentários desta análise, especialmente nesta primeira aula, atuam apenas como parâmetro para classificação das respostas, uma vez que, por se tratarem de alunos do sexto ano, é natural que desconheçam os temas tratados nas questões. Logo, a presente análise tem como objetivo observar como os alunos que ainda não tiveram um contato com um trabalho com variação linguística percebem esses temas.

Aula 2 Introdução ao tema da Variação Linguística

Plano de aula:

Atividade: Introdução ao tema da variação linguística
Duração: uma aula de 30 minutos.
Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> - Atentar para a ocorrência do fenômeno da variação. - Despertar o interesse sobre o tema. - Conhecer os diferentes tipos de variação linguística. - Conhecer o conceito de variação histórica.
Procedimentos metodológicos: <ul style="list-style-type: none"> - Entregar a cada aluno uma folha impressa contendo questões para reflexão e texto sobre os tipos de variação e sobre a variação histórica em especial. - Resolução das questões individualmente, precedida de breve explicação do enunciado e de termos que possam trazer dificuldade de compreensão e intercalada por discussões do grupo a partir das respostas fornecidas. - Leitura e comentários sobre o texto constante da folha.

Variação Linguística

<ul style="list-style-type: none"> ✚ Você sabia que a Língua Portuguesa, assim como qualquer outra língua, pode sofrer variações porque as pessoas podem falar de diferentes maneiras? ✚ Você pode comentar sobre essas diferentes maneiras de falar, dar exemplos de episódios observados por você?
--

O Português que se fala aqui no Brasil é diferente daquele falado em Portugal e nos outros países de Língua Portuguesa. No Brasil, também não falamos do mesmo modo em todas as regiões do país. Você não fala da mesma maneira que seu avô. Também há diferenças entre o modo como escrevemos e como falamos. Além disso, podemos modificar o jeito de falar de acordo com a situação em que nos

encontramos (as pessoas com quem falamos, o local, o assunto etc.). A esse fenômeno das línguas em geral chamamos de **variação linguística**.

Variação Histórica ou Diacrônica

A língua é um fator social e por isso, é dinâmica, está em constante mudança. Algumas dessas mudanças ocorrem pelo surgimento de palavras novas, que são criadas devido à necessidade dos falantes, como por exemplo *deletar*, por associação com a palavra inglesa *delete*, que significa *apagar, eliminar*. Ao mesmo tempo em que novas palavras surgem, outras se modificam e outras simplesmente caem em desuso, ou seja, deixam de ser utilizadas. Observe uma dessas mudanças:



Fonte: <http://desconversa.com.br/portugues/resumo-variacao-linguistica/>

Apresentação dos Resultados

Questão:

✚ *Você sabia que a Língua Portuguesa, assim como qualquer outra língua, pode sofrer variações porque as pessoas podem falar de diferentes maneiras?*

Justificativa: Espera-se que após a primeira aula os alunos respondam afirmativamente a essa questão.

Resultados:**Sim:** 12**Não:** 1

Comentários: A única aluna que respondeu “não” justificou de forma inconclusiva, mencionando as diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal. Os outros alunos responderam “sim” e não justificaram porque o enunciado da questão não solicitava que o fizessem.

Questão:

 *Você pode comentar sobre essas diferentes maneiras de falar, dar exemplos de episódios observados por você?*

Justificativa: Despertar o interesse e curiosidade sobre o assunto a ser tratado.

Resultados:**Sim:** 9**Não:** 1**Não responderam:** 2**Inconclusivas:** 1

Comentários: Três dos alunos que responderam afirmativamente à questão ainda se referiram à dificuldade de comunicação devido a idiomas diferentes, ainda que o enunciado da questão fizesse referência à questão anterior, que mencionava a Língua Portuguesa, especificamente.

Os outros quatro alunos citaram casos de conversas com pessoas de outros estados, como era esperado, devido ao fato de a variação regional ser uma das mais fáceis de ser percebida. Tais resultados evidenciam a dificuldade de compreender a variação como as diversas formas de falar e escrever em diferentes situações e associação de variação linguística com a ideia de variação regional apenas.

Exemplos: “Eu tenho amigos que são nordestinos, eles são muito engraçados, o jeito de falar deles é o melhor, às vezes não entendo, mas depois de um tempo comecei a entender.”, “Eu já percebi muitas, que algumas pessoas falam engraçado ou diferente por causa do sotaque e tenho amigos que falam diferente. ” E: “Uma pessoa falou Inglês comigo e eu não entendi.”

Resposta **inconclusiva:** “Sim, eu vi uma notícia de uma senhora que pedia brigado ao Google.”

Aula 3 Variação Geográfica ou Regional

Plano de aula:

Atividade: Variação geográfica ou regional.
Duração: uma aula de 70 minutos.
Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> - Despertar a curiosidade e o interesse no conteúdo de variação geográfica. - Conhecer algumas diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal. - Conhecer alguns aspectos da variação regional no Brasil.
Procedimentos metodológicos: <ul style="list-style-type: none"> - Entregar a cada aluno uma folha impressa contendo questões de introdução ao assunto e texto sobre a variação geográfica ou regional. - Exibição do vídeo do canal <i>Porta dos Fundos</i>. - Comentários sobre as questões introdutórias e sobre o vídeo. - Leitura e conversa sobre o texto constante da folha.

Variação Geográfica ou Regional

<ul style="list-style-type: none"> ✚ Você conhece alguém, um brasileiro também, que tem um sotaque diferente? Como é o sotaque? ✚ Assista ao vídeo do canal <i>Porta dos Fundos</i>, que brinca com essa característica da língua. ✚ Você saberia dizer a que tipo de variação linguística o vídeo se refere?
--

Quando nos referimos à “Língua Portuguesa” falamos de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Nosso idioma é falado no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e na região de Macau, na China, e em cada um desses locais, a língua vai ganhando uma característica que é própria de cada região, devido à cultura local, às línguas locais, aos hábitos e costumes.

Aqui no Brasil, além do Português, que é a língua oficial, existem cerca de duzentas línguas indígenas. A Língua Portuguesa também sofre influências das línguas trazidas pelos imigrantes que para cá vieram. As variações na língua sofrem influência dessa diversidade de povos e culturas. As principais diferenças que encontramos entre os falantes de Língua Portuguesa de diferentes localidades estão relacionadas à pronúncia e ao vocabulário.

A tirinha abaixo brinca com as diferenças entre o português de Portugal e o do Brasil. Leia:



Fonte: <http://tirasarmandinho.tumblr.com>

✚ Você sabe o que é uma camisola em Portugal? E cuecas?

Mas essas diferenças não se resumem apenas à pronúncia e ao léxico (vocabulário). Leia as duas versões da mesma tirinha abaixo. A primeira foi publicada em Portugal e a segunda, no Brasil.



Fonte: <http://todealtas.blogspot.com.br>

🚩 Compare as duas versões. Você percebeu diferenças entre elas? Quais são?

Como vimos, também podemos encontrar algumas diferenças no modo de falar das pessoas das diversas regiões do nosso país. Os textos abaixo mostram, de forma bem-humorada, o jeito de falar do mineiro e do gaúcho do interior.

Causo mineiro:



Sapassado, era sessetembro,
taveu na cuzinha tomando uma
pincumel e cuzinhando um
kidicarne cumastumate pra fazer
uma macarronada cum
galinhassada. Quascaí de susto
quanduvi um barui vinde
denduforno parecenum tidiguerra.
A receita mandopô midipipoca
denda galinha prassá.
O forno isquentô, o mistorô e o
fiofô da galinhispludiu!
Nossinhora! Fiquei branco quinein
um lidileite. Foi um trem doidimais!
Quascaí dendapia! Fiquei
sensabê doncovim, noncotô,
proncovô. Ópcevê quilocura!
Grazadeus ninguem semaxucô!

Fonte: <https://catadupas.wordpress.com>



Fonte: <http://www.institutopackter.com.br>

Esses textos mostram a variação regional de forma divertida, mas não podemos generalizar e achar que todas as os mineiros e todos os gaúchos falam da mesma forma. Ainda vamos aprender que até mesmo pessoas que moram na mesma região podem apresentar variação na maneira de falar devido a diversas circunstâncias.

Resultados:

Questão:

✚ Você conhece alguém, um brasileiro também, que tem um sotaque diferente?
Como é o sotaque?

Justificativa: Despertar o interesse e introduzir a exibição do vídeo do Canal Porta dos Fundos.

Resultados:

Sim: 4

Não: 9

Comentários: Dos quatro alunos que responderam afirmativamente, três disseram que conheciam nordestinos. Um aluno não especificou o sotaque.

Questão:

 *Você saberia dizer a que tipo de variação linguística o vídeo se refere?*

Justificativa: O vídeo *Sotaques*, do canal Porta dos Fundos, disponível em: <http://www.portadosfundos.com.br/videos/?categoria=1&elenco=&order=DESC&q=sotaques>, brinca com a ocorrência dos sotaques encontrados nas diversas regiões do País e em Portugal. Nele, um mesmo personagem (um candidato que passa por uma entrevista de emprego) fala com diferentes sotaques de acordo com o sentimento que cada item de seu currículo evoca. O vídeo foi escolhido como introdução ao tema porque aborda de forma divertida a variação regional, podendo desse modo, despertar o interesse para sua aprendizagem. Depois de assistir ao vídeo, espera-se que o aluno responda “variação regional” ou “variação geográfica” ou algo relacionado ao tema.

Resultados:

Aproximaram-se: 10

Não se aproximaram: 1

Não responderam: 2

Comentários: Os alunos que se aproximaram de uma resposta satisfatória fizeram referência a “lugares”, “sotaques”, “variação regional” ou “variação geográfica”. O aluno que não se aproximou respondeu: “Uma experiência que ele teve.”, provavelmente referindo-se ao ator do vídeo humorístico. O presente resultado mostra que a variação regional é um fenômeno de fácil percepção pelos alunos.

Questão:



Fonte: <http://tirasarmandinho.tumblr.com>

🚩 Você sabe o que é uma camisola em Portugal? E cuecas?

Justificativa: A questão tem por objetivo aguçar a curiosidade dos alunos, despertando o interesse para o tema.

Comentários: Apenas um aluno sabia o que era “camisola” em Portugal. Foram informados os significados dos termos aos alunos, que se divertiram com a situação.

Questão: Leia as duas versões da mesma tirinha abaixo. A primeira foi publicada em Portugal e a segunda, no Brasil.



Fonte: <http://todealtas.blogspot.com.br>

🚩 Compare as duas versões. Você percebeu diferenças entre elas? Quais são?

Justificativa: O objetivo dessa questão é mostrar que as diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal não se restringem somente ao vocabulário, ocorrem também na estrutura de construção das frases.

Resultados:

Aproximaram-se: 11

Não se aproximaram: 1

Não responderam: 1

Comentários: A única resposta considerada não satisfatória não estava relacionada à pergunta, o aluno respondeu de forma inconclusiva: “Sim, é que um é um animal e o outro é um humano.” Foram consideradas satisfatórias ou próximas disso, as respostas nas quais os alunos apenas disseram ter percebido as diferenças (cinco) e aquelas nas quais os alunos além disso, enumeraram tais diferenças (seis). Esses seis alunos relacionaram os pares de palavras “mistela/coisa”, “lixo/pasta” e/ou os pares de estruturas “se o comer/ se você comer” e “Tem de haver uma maneira melhor de o pôr a comer! /Tem que haver um jeito melhor de fazer ele comer! ”.

Em relação aos textos que procuram reproduzir o sotaque mineiro e o sotaque gaúcho de forma bem-humorada, a metodologia de trabalho consistiu na leitura dos textos e em discussão sobre as diferenças entre a fala e a escrita, sobre o perigo de a generalização provocar o surgimento de estereótipos e preconceitos.

Aula 4 Variação Sociocultural

Atividade: Variação sociocultural
Duração: uma aula de 50 minutos.
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreender a influência de fatores como idade, profissão, grau de escolaridade na linguagem utilizada pelos indivíduos. - Compreender a questão da adequação entre registro de fala e a situação comunicativa. - Conhecer as diferenças entre os registros de fala coloquial e formal.
Procedimentos metodológicos:

- Entregar aos alunos a folha contendo os textos e as questões.
- Comentar o texto introdutório.
- Proceder à resolução das questões seguida do compartilhamento das respostas e comentários.
- Conversa com os alunos sobre registros de fala coloquial e formal e sobre adequação do registro à situação comunicativa.

Variação Sociocultural

Além da localização geográfica, outros fatores também podem influenciar no modo como falamos e escrevemos, como a idade, a profissão, o grau de escolaridade, a classe social. Esse conjunto de fatores relacionados entre si contribui para a ocorrência da **variação sociocultural**. Observe as imagens a seguir:



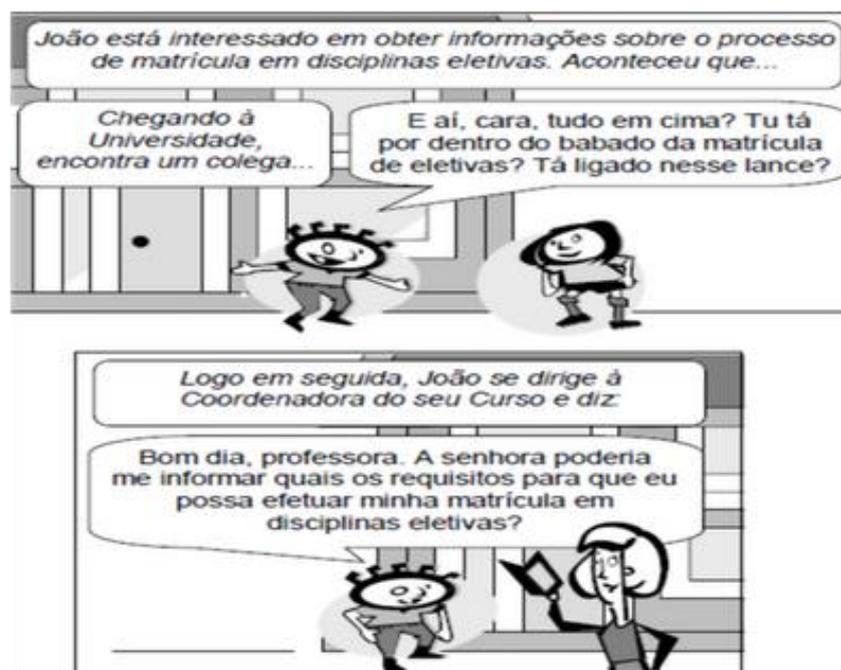
Fonte: <http://desconversa.com.br/portugues/resumo-variacao-linguistica/>



Fonte: <http://bloggdoyo.blogspot.com.br/2015/03/os-jargoes.html> 02/07/2016

- ✚ Na figura 1, por que o avô não consegue entender o que seu neto diz?
- ✚ E quanto ao médico, por que ele deixou o paciente assustado?

Além dos fatores apresentados acima, elementos como o ambiente, o tema da conversa e o grau de intimidade entre os falantes também podem determinar o tipo de linguagem utilizada, fazendo com que, inclusive, uma mesma pessoa possa variar seu **registro** de fala de acordo com a **situação comunicativa** da qual está participando. Observe a figura abaixo:



Fonte: <http://letrasmarques2013.blogspot.com.br/>

Observe que João, o personagem da tirinha, ao se dirigir a sua amiga, utiliza um registro chamado **coloquial**. O registro coloquial é utilizado em situações familiares ou de menor formalidade, como uma conversa entre amigos, por exemplo. Ele é caracterizado por um comportamento linguístico mais descontraído.

Quando João vai conversar com a coordenadora do curso, emprega o registro **formal**. O registro formal é empregado em situações de formalidade e é caracterizado por um comportamento linguístico mais refletido, mais atento. João não tem intimidade com a coordenadora do curso, por isso escolheu usar esse tipo de registro. Ele adequou sua linguagem à situação comunicativa.

Resultados:

No início da aula, foi feita uma mediação a fim de exemplificar como os fatores idade, profissão, grau de escolaridade e classe social podem influenciar na linguagem utilizada pelas pessoas.

Questão: *Observe as imagens a seguir:*



Fonte: <http://desconversa.com.br/portugues/resumo-variacao-linguistica/>

✚ Na figura 1, por que o avô não consegue entender o que seu neto diz?

Justificativa: O objetivo dessa questão é fazer com que o aluno perceba a influência que o fator idade pode exercer na utilização da linguagem.

Resultados:

Aproximaram-se: 14

Não se aproximaram: 2

Não responderam: 1

Comentários: Nessa aula, assim como na próxima, estiveram presentes dezessete alunos. Consideraram-se próximas a uma resposta satisfatória as respostas que mencionaram de alguma forma a diferença de idade entre os personagens da figura ou a diferença entre as linguagens por eles utilizadas. **Exemplos:** “Porque ele fala de um jeito diferente.”, “Porque a linguagem de hoje em dia é diferente de antigamente.”, “Por causa das gírias do neto.”

As respostas consideradas não satisfatórias não estão relacionadas à pergunta ou são inconclusivas. São elas: “Porque ele não conseguiu entender o neto.”, “Por causa do que está escrito no papel.” Esta última resposta provavelmente esteja relacionada à figura 2, que está posicionada imediatamente acima da questão, e a leitura desatenta do enunciado pode ter causando a confusão.



Fonte: <http://bloggdoyo.blogspot.com.br/2015/03/os-jargoes.html> 02/07/2016

✚ E quanto ao médico, por que ele deixou o paciente assustado?

Justificativa: Espera-se que o aluno perceba que, por utilizar uma linguagem técnica, o médico acabou assustando o paciente, que pensou estar com uma doença grave por não entender o que o médico havia falado.

Resultados:

Aproximaram-se: 10

Não se aproximaram: 6

Não responderam: 1

Comentários: Consideraram-se satisfatórias ou próximas a isso as respostas que mencionaram a linguagem usada pelo médico e/ou as expressões “jargão” ou “linguagem profissional”. **Exemplos:** “Porque o doutor falou em jargão profissional e o paciente não entendeu.”, “Porque o médico usou a linguagem profissional.”, “Porque ele falou o nome da doença na linguagem médica, aí o paciente achou que fosse algo importante.”

As respostas consideradas não satisfatórias não estabeleceram uma relação entre as palavras e expressões usadas pelo médico e a reação do paciente.

Exemplos: “Porque o paciente achou que ia morrer.”, “Porque ele falou que o caso é muito sério.”, “Pela expressão do médico e pela fala de preocupação.”

Na segunda parte da aula, que não apresenta questões, houve uma conversa com os alunos sobre registros de fala e sua adequação à situação comunicativa. Conversamos sobre os contextos em que podem ser utilizados os registros coloquial e formal.

Aula 5 Variedades Linguísticas, Variedades de Prestígio, Preconceito Linguístico

Atividade: Variedades Linguísticas, Variedades de Prestígio, Preconceito Linguístico
Duração: uma aula de 50 minutos.
Objetivos: - Discutir as questões: variedades de prestígio e preconceito linguístico.
Procedimentos metodológicos: - Entregar a folha contendo os textos e as questões para reflexão. - Discussão sobre o conteúdo dos textos e respostas dadas às questões.

Variedades Linguísticas, Variedades de Prestígio, Preconceito Linguístico

Você se lembra do João, personagem da tirinha da última aula? Nós vimos que ele utilizou duas maneiras diferentes de falar de acordo com a situação comunicativa em que se encontrava. Com sua amiga, João conversou utilizando-se de uma linguagem mais próxima das variedades linguísticas mais populares, mais comuns; e com a coordenadora do curso ele usou uma linguagem mais próxima das variedades de maior prestígio. Mas por que João agiu assim?

Embora não haja uma variedade melhor do que outra nem variedade certa ou errada, existem variedades que são mais valorizadas que as outras, essas variedades são chamadas de **variedades de prestígio**. Nessas variedades espera-se que se utilizem as normas prescritas pela gramática tradicional, como por exemplo, aquelas adotadas para os casos de regência, concordância, colocação pronominal, etc. São as variedades ensinadas nas escolas e utilizadas nas situações mais formais tanto na escrita quanto na fala.

Se não há maneira errada de falar, por que estudar as variedades de prestígio? Porque todos têm o direito de conhecer e dominar também essa outra forma de se expressar, mais prestigiosa, que permitirá o acesso à produção cultural acumulada por muitas gerações. É importante conhecer diferentes variedades para que se possa escolher o que utilizar em diferentes situações de comunicação. Além de conhecer, também é importante valorizar todas as variedades para que não estimulemos o **preconceito linguístico**, que consiste em discriminar as pessoas

que fazem uso de outras variedades linguísticas diferentes das variedades de prestígio.



Fonte: <http://revistagalileu.globo.com>

Leia a tirinha abaixo:



Fonte: <https://wordsofleisure.com/2013/10/15/tirinha-do-dia-chico-bento-e-o-portugues/>

1. O que você achou da atitude da professora?
2. O personagem Chico Bento acabou sofrendo preconceito por falar usando uma variedade diferente daquela utilizada pela professora. Você já viveu ou presenciou uma situação parecida com essa? Comente.

Resultados:

Na primeira parte da aula, em que não havia questões a serem respondidas, foi empreendida uma conversa em torno da valorização de certas variedades em detrimento de outras, em torno da tentativa de estabelecimento de um padrão linguístico e da impossibilidade do mesmo devido à variedade existente tanto na escrita quanto na fala até mesmo entre as pessoas com alto grau de escolaridade. Falou-se também sobre preconceito linguístico, em que consiste e como se dá sua ocorrência.

Questão 1. *O que você achou da atitude da professora?*

Justificativa: Espera-se que o aluno ainda que não mencione palavras relacionadas ao preconceito linguístico, sinta-se de alguma forma indignado e repreenda tal atitude.

Resultados:

Aproximaram-se: 15

Não se aproximaram: 1

Não responderam: 1

Comentários: Apenas um aluno respondeu que “a professora se irritou porque Chico Bento falou errado e tirou uma nota ruim.” O aluno além de mencionar a questão do “erro”, não expressou sua opinião a respeito do comportamento da professora.

Em relação às respostas consideradas satisfatórias, podemos destacar: “Errada, essa é a língua que ele fala em sua região.”, “Mais ou menos, porque ela quer que seu aluno fale certo, mas também esse é o jeito dele falar porque ela é da roça.”, “Errada, porque essa é a língua padrão da região dele.” Quatro das quinze respostas satisfatórias classificaram a atitude da professora como preconceituosa. Outras quatro disseram que “a professora não entendeu o que Chico falou”, o que não ocorreu, mas foram consideradas satisfatórias porque, de algum modo, repreenderam a atitude da professora ou não se referiram à linguagem do personagem como “errada.” Dois alunos disseram que a professora era “muito

grossa”, um aluno respondeu: “Abusada ele caipira.” E um aluno utilizou um termo de baixo calão para se referir à situação.

Questão 2. *O personagem Chico Bento acabou sofrendo preconceito por falar usando uma variedade diferente daquela utilizada pela professora. Você já viveu ou presenciou uma situação parecida com essa? Comente.*

Justificativa: Verificar e estimular a percepção de atitudes preconceituosas em relação aos falantes de variedades populares.

Resultados:

Sim: 2

Não: 12

Não responderam: 3

Comentários: Foi esclarecido aos alunos que a situação não precisava ser necessariamente um ambiente de sala de aula. Os dois alunos que disseram ter vivido ou presenciado uma situação parecida com a descrita não as comentaram. A maioria de respostas negativas traz certo conforto de que situações semelhantes possam estar ocorrendo em número reduzido, embora esta também seja uma pequena amostra. Esse resultado também pode levar a crer que talvez se sintam constrangidos ao falar desse assunto.

Aula 6 Exercícios sobre Variação Linguística

Atividade: Exercícios sobre Variação Linguística
Duração: uma aula de 75 minutos.
Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a competência leitora por meio de questões de compreensão de textos. - Perceber a ocorrência da variação linguística nos textos. - Refletir sobre o respeito e a valorização de diferentes formas de aprendizagem e de diferentes tipos de conhecimento.
Procedimentos metodológicos: <ul style="list-style-type: none"> - Entregar aos alunos as folhas contendo os textos e as questões. - Proceder à leitura dos textos, se desejar, reproduzir a canção <i>Asa Branca</i> (texto I). - Resolução das questões seguidas de debates sobre as mesmas.

Exercícios sobre Variação Linguística

Vamos refletir mais um pouco a partir do que foi discutido nas aulas anteriores? Para isso, a seguir são propostos alguns exercícios sobre os conteúdos que vimos nas últimas aulas.

Primeiro, leia a letra da canção *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira:

Texto I: *Asa Branca*

Quando oiei a terra ardendo
 Qual fogueira de São João
 Eu perguntei a Deus do céu, uai
 Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia
 Nem um pé de prantação
 Por farta d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão

Por farta d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
 Bateu asas do sertão
 Intonce eu disse adeus Rosinha
 Guarda contigo meu coração
 Intonce eu disse adeus Rosinha
 Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus óios
Se espaiar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

Fonte:<http://www.kboing.com.br/luiz-gonzaga/1-300052/>

Agora, responda às seguintes questões:

1. Você compreendeu a letra da canção? O que ela quer dizer?
2. Quem é o eu lírico da canção?
3. O autor tentou reproduzir na grafia, o modo de falar de determinado grupo de uma região do país. Retire exemplos do texto que comprovem essa afirmação.
4. A variedade linguística empregada na letra da canção impediu que você a compreendesse? Por quê?
5. Na sua opinião, por que os compositores optaram por uma variedade popular e não por uma variedade de maior prestígio?

Agora, leia o texto abaixo, de autoria desconhecida, que apresenta um diálogo entre os personagens Doutor Roberto, um empresário e Genival, um pescador.

Texto II: O DOUTOR E O PESCADOR

O doutor Roberto viajou para o litoral. Resolveu sair com os pescadores num pequeno barco para assistir à pescaria em alto mar. Durante a viagem, doutor Roberto começou a conversar com o pescador Genival.

Doutor Roberto – Você sempre trabalhou como pescador, Genival?

Genival – Sempre, doutor. Eu só sei fazer isso.

Doutor Roberto – Quer dizer que você nunca saiu deste lugar? Nunca viajou de avião?

Genival – De avião eu não andei não, senhor. Só andei de ônibus até à capital.

Doutor Roberto – Puxa, rapaz! Você está perdendo a vida aqui neste fim de mundo. Mas você sabe ler e escrever? Genival – Só algumas palavras, doutor.

Doutor Roberto – Rapaz, você está perdendo a vida nesse fim de mundo. Afinal de contas, o que você sabe fazer?

Genival – Ah, doutor! Eu sei fazer muita coisa. Eu sei pescar, trabalhar na roça.... Conheço tudo por aqui: o mar, as plantas, os rios, as florestas...

Doutor Roberto – Só isso, rapaz? Diga uma coisa: esse barco é seguro?

Genival – Nunca tive problemas com ele não, doutor! Por quê?

Doutor Roberto – Porque estou vendo muita água entrando aqui embaixo. A coisa está ficando feia. O que vai acontecer com a gente, se esse barco afundar? Estamos muito longe da praia. E aqui deve ter tubarão!

Genival – E tem mesmo, doutor! O senhor sabe nadar?

Doutor Roberto – Não sei não, rapaz, e agora?

Genival – Doutor! Assim sem saber nadar, é capaz do doutor perder a vida logo aqui nesse fim de mundo!

Fonte: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4679740/4120185/LP6_2BIM_ALUNO_2014.pdf

Responda:

1. Após a leitura do texto, você diria que apenas o conhecimento formal, aquele adquirido na escola, é suficiente para todas as situações pelas quais podemos passar em nossas vidas? Por quê? Explique.
2. Podemos dizer que o texto nos transmite uma lição? Qual?

Resultados

Texto I

Questão1: *Você compreendeu a letra da canção? O que ela quer dizer?*

Justificativa: A compreensão do tema é importante para a caracterização do contexto textual em que se dá a ocorrência da variação linguística.

Resultados:

Aproximaram-se: 10

Não se aproximaram: 7

Comentários: Embora *Asa Branca* seja uma canção amplamente conhecida, alguns alunos alegaram desconhecê-la. Surpreendeu-nos também a dificuldade dos alunos de dissertar sobre o tema da canção, que julgávamos ser de fácil compreensão.

Diante de tal dificuldade, procedeu-se a uma explanação sobre o tema. Foram mencionados aspectos como a seca; a migração de nordestinos em busca de emprego e melhores condições de vida, principalmente para a região Sudeste, especialmente para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro; a distância da família, que, muitas vezes, permanece no local; a saudade dos familiares e o desejo de retornar à terra natal.

Somente após essa explanação, a maioria dos alunos conseguiu responder satisfatoriamente à questão. **Exemplos:** “Sim. Ele quis dizer que com tanta falta de água, o gado dele morreu e ele tá esperando chover para voltar ao sertão.”, “Que faltou água no sertão e as plantas e os gados morreram no calor e sem água.”, “Sim. Porque um homem perdeu os animais e a plantação por causa do calor que fez a água evaporar.”

Consideramos insatisfatórias as respostas nas quais os alunos apenas enumeraram palavras soltas sem articulá-las num período de forma coerente ou falaram sobre o tema de forma superficial. **Exemplos:** “Sim, amor, coração, morte.”, “Um homem que mora no sertão.”, “Asa Branca foi embora e dono dela ficou triste.” Em relação a esta última resposta, cabe lembrar que o pássaro era livre, não tinha dono.

Questão 2: *Quem é o eu lírico da canção?*

Justificativa: O sujeito que dá voz a esse personagem é peça fundamental para a compreensão do contexto em estudo. Espera-se que após a mediação feita a fim de possibilitar a resolução da questão 1 os alunos sejam capazes de responder satisfatoriamente a esta questão.

Resultados:**Aproximaram-se:** 9**Não se aproximaram:** 5**Não responderam:** 3

Comentários: Os alunos responderam à questão após uma breve explicação sobre o conceito de eu lírico. Embora tivéssemos feito uma observação para que não confundissem o eu lírico com os compositores da canção, cinco alunos responderam que o eu lírico era Luiz Gonzaga e/ou Humberto Teixeira.

Exemplos de respostas consideradas **satisfatórias**: “A pessoa que saiu do sertão que perdeu tudo na esperança de conseguir uma vida melhor.”, “É o personagem que está dizendo que depende da chuva para voltar para casa.”, “O nordestino que se muda do sertão para a cidade para ter uma vida melhor.”

Questão 3: *O autor tentou reproduzir na grafia, o modo de falar de determinado grupo de uma região do país. Retire exemplos do texto que comprovem essa afirmação.*

Justificativa: Essa questão tem por objetivo identificar as variantes da variedade popular presentes na canção.

Resultados:**Aproximaram-se:** 15**Não responderam:** 2

Comentários: As variantes mais citadas foram *oiei*, *farta*, *vortar*, que constituem usos mais estigmatizados. Não foram citados o uso do pronome oblíquo *mim* como sujeito da oração *Pra mim vortar pro meu sertão* e a repetição de *não* e de *viu*, característicos do registro coloquial de fala.

Pensamos que tal omissão se deva aos seguintes fatos: esses usos não são exclusivos de falantes de comunidades rurais, podendo compor o repertório de uso de falantes da variedade urbana culta/comum/standard, principalmente a repetição de *não*

e *viu*, que pode ocorrer na fala de falantes altamente escolarizados em situações de maior monitoramento estilístico.

Questão 4: *A variedade linguística empregada na letra da canção impediu que você a compreendesse? Por quê?*

Justificativa: Espera-se que o aluno responda *não*, pois uma pequena diferença na grafia de algumas palavras, nesse caso, não influencia seu significado, dificultando a compreensão do texto.

Resultados:

Aproximaram-se: 15

Não se aproximaram: 1

Não responderam: 1

Comentários: Uma aluna respondeu afirmativamente à questão: “Sim. Porque o jeito do nordestino falar é diferente.” Essa mesma aluna respondeu satisfatoriamente à questão número um, sobre a compreensão da letra. Supomos que a dificuldade de compreensão alegada se refira ao significado de algumas palavras, como as variantes *fornaia* e *fornalha* e *braseiro*, que foram esclarecidos após solicitação da aluna.

Entre os que responderam negativamente à questão destacamos: “Não. Porque fala diferente, mas dá para entender.”, “Eu entendi porque não é tão diferente da minha fala.”, “Não. Porque isso é um pouco igual à minha língua.” Quatro alunos justificaram dizendo que “ele falou de uma forma que deu para entender.” Outros quatro disseram que foi porque já ouviram a música. Um aluno respondeu: “Não. Porque do mesmo jeito que ele fala o português não muda, cada pessoa fala do jeito que quiser.” E outro respondeu: “Não, porque é o modo de falar no país deles.”, confundindo país com região.

Questão 5: *Na sua opinião, por que os compositores optaram por uma variedade popular e não por uma variedade de maior prestígio?*

Justificativa: Espera-se que o aluno perceba que essa opção foi feita com a finalidade de reproduzir o modo de falar do sertanejo nordestino.

Resultados:

Aproximaram-se: 11

Não se aproximaram: 2

Não responderam: 4

Comentários: Os alunos que não se aproximaram da resposta satisfatória escreveram: “Porque eles queriam.” E: “Porque eu acho que ele passou por isso, aí ele escreveu uma música.” Esta última resposta é interessante porque embora apresente a identidade entre eu-lírico e compositor, demonstra também que o aluno relaciona variedade linguística com fala legítima de alguém, sem julgar como “erro”.

Entre os que responderam de forma satisfatória, três disseram: “Porque é a variedade linguística do sertão.” Cinco disseram: “Para falar do (ou sobre o) sertão ou (do sertanejo).” Dois disseram: “Para ficar melhor para entender.” E um aluno disse: “Porque ele escreve como se estivesse falando.”

Texto II

Questão 1. *Após a leitura do texto, você diria que apenas o conhecimento formal, aquele adquirido na escola, é suficiente para todas as situações pelas quais podemos passar em nossas vidas? Por quê? Explique.*

Justificativa: O objetivo dessa questão é o de provocar uma reflexão sobre o respeito e a valorização dos diferentes saberes que adquirimos ao longo da vida, não só o adquirido na escola, mas também aqueles aprendidos por meio de hábitos e costumes da cultura na qual estamos inseridos. Embora não aborde diretamente a questão da variação linguística, a temática do texto está ligada à variação dos saberes populares, e este inclui o saber linguístico.

Resultados:**Aproximaram-se:** 16**Não responderam:** 1

Comentários: Apenas um aluno não respondeu à questão, todos os outros responderam de maneira satisfatória, porém três deles não quiseram ou não souberam justificar. Quatro deles disseram: “Não. Porque na escola não se aprende tudo.” Ou algo semelhante. Um aluno respondeu: “Não. Porque às vezes não é o suficiente.” Outro respondeu: “Não, porque nós aprendemos a ler, escrever e etc.” Essas respostas não faziam referência ao texto. Dois alunos responderam fazendo referência a um dos personagens: “Não. Porque você pode ver o doutor: é muito esperto, mas não sabe nadar.” E: “Não. Porque o doutor sabia tudo, menos nadar.” Dois alunos responderam: “Não. Porque ele aprendeu poucas coisas.” Outros dois responderam: “Não, porque ele aprendeu a observar.” Essas respostas, provavelmente faziam referência ao *pescador*. E um aluno respondeu fazendo uma referência indireta ao texto, deixando a resposta um tanto inconclusiva: “Não. Porque talvez eu possa botar minha vida em risco porque não aprendi direito.”

Questão 2. *Podemos dizer que o texto nos transmite uma lição? Qual?*

Justificativa: Espera-se que os alunos não só percebam que o texto transmite uma lição, mas também identifique o ensinamento transmitido.

Resultados:**Aproximaram-se:** 7**Não se aproximaram:** 8**Não responderam:** 2

Comentários: Entre as respostas consideradas satisfatórias, destacamos: “Sim. Porque o médico sabia ler e escrever e o pescador não, mas sabia nadar.”, “Que o

doutor sabia tudo, mas o pescador sabia mais...”, “Sim. Que não adianta só ser nota 10 na escola, temos que aprender outras coisas que não seja na escola.”

Entre as respostas consideradas insatisfatórias, um aluno respondeu *não*, mas não justificou. Três alunos disseram que a lição era de “ir para a escola.” Uma aluna iria dar a mesma resposta, mas não chegou a concluí-la. As outras três respostas foram: “Sim, ter mais atenção.”, “Sim, que primeiro temos que analisar as coisas para que eu não possa me botar em risco.” E: Sim, estudar e melhorar as formas de viver com alguns esportes porque com alguns esportes pode ajudar na vida como por exemplo, se esse doutor fizesse natação ia ajudar muito ele.” Entendemos que essas respostas foram pouco conclusivas e fugiram um pouco do tema do texto.

Aula 7 Exercícios sobre Adequação Linguística

Atividade: Exercícios sobre Adequação Linguística
Duração: uma aula de 75 minutos.
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a competência leitora por meio da resolução de questões de compreensão de texto. - Estabelecer relações entre o título de um texto e seu conteúdo. - Inferir informações implícitas no texto. - Distinguir registro coloquial de registro formal. - Relacionar a escolha do registro de fala à adequação à situação comunicativa.
<p>Procedimentos metodológicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entregar aos alunos as folhas contendo os textos e as questões. - Proceder à leitura dos textos e aos comentários sobre os mesmos. - Resolução das questões de forma individual. - Discussão das respostas de forma coletiva.

Exercícios sobre Adequação Linguística

Vamos ler uma crônica de Luiz Fernando Veríssimo?

Texto I: Papos

- Me disseram...
- Disseram-me.
- Hein?
- O correto é "disseram-me". Não "me disseram".
- Eu falo como quero. E te digo mais... Ou é "digo-te"?
- O quê?
- Digo-te que você...
- O "te" e o "você" não combinam.
- Lhe digo?
- Também não. O que você ia me dizer?
- Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. E que eu vou te partir a cara. Lhe partir a cara. Partir a sua cara. Como é que se diz?
- Partir-te a cara.
- Pois é. Parti-la hei de, se você não parar de me corrigir. Ou corrigir-me.
- É para o seu bem.
- Dispensando as suas correções. Vê se esquece-me. Falo como bem entender. Mais uma correção e eu...
- O quê?
- O mato.
- Que mato?
- Mato-o. Mato-lhe. Mato você. Matar-lhe-ei-te. Ouviu bem? Pois esqueça-o e pára-te. Pronome no lugar certo é elitismo!
- Se você prefere falar errado...
- Falo como todo mundo fala. O importante é me entenderem. Ou entenderem-me?
- No caso... não sei.

- Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
- Esquece.
- Não. Como "esquece"? Você prefere falar errado? E o certo é "esquece" ou "esqueça"? Ilumine-me. Me diga. Ensine-lo-me, vamos.
- Depende.
- Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-me-lo-ias se o soubesses, mas não sabes-o.
- Está bem, está bem. Desculpe. Fale como quiser.
- Agradeço-lhe a permissão para falar errado que mas dás. Mas não posso mais dizer-lo-te o que dizer-te-ia.
- Por que?
- Porque, com todo este papo, esqueci-lo.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

Agora responda:

1. Observe o título do texto.
 - a) O que é um “papo”?
 - b) Os dois amigos conseguem se comunicar bem, “bater um papo”? Por quê?
2. Os dois amigos utilizam o mesmo registro de fala? (registro coloquial, registro formal). Explique.
3. Qual dos dois amigos utiliza uma linguagem mais adequada à situação de interação? Por quê?
4. Podemos afirmar que basta conhecer as variedades de maior prestígio da nossa língua para evitar possíveis problemas de comunicação? Justifique sua resposta.

Agora leia a tirinha abaixo:

Texto II:



Fonte: <http://www.humorcomciencia.com/tirinhas/romulo-o-pedante-4/>

Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio, *pedante* é alguém se expressa exibindo conhecimentos que não tem, ou é vaidoso, pretensioso.

1. Qual dos dois personagens você acha que é o Rômulo?
2. Por que ele é chamado de pedante?

Resultados

Texto I

Questão 1. Observe o título do texto. a) O que é um “papo”?

Justificativa: Essa questão tem por objetivo fazer com que o aluno preste atenção ao título para que mais adiante possa estabelecer uma relação entre ele e o restante do texto.

Resultados:

Aproximaram-se: 2

Não se aproximaram: 15

Comentários: Para que a resposta fosse considerada satisfatória ou próxima disso, o aluno deveria fazer alguma referência ao caráter informal desse modo de interação. Os dois alunos cujas respostas foram consideradas escreveram: “É uma conversa entre amigos.” Os outros alunos responderam apenas: “É uma conversa” ou “É uma conversa entre duas pessoas ou mais” ou algo parecido. Essa referência é importante, pois deverá embasar a justificativa da resposta à questão sobre a adequação da linguagem à situação comunicativa.

Questão 1.b) *Os dois amigos conseguem se comunicar bem, “bater um papo”? Por quê?*

Justificativa: Espera-se que o aluno responda negativamente à questão, pois há um desentendimento que impede que o “papo” flua bem entre os personagens.

Resultados:

Aproximaram-se: 10

Não se aproximaram: 6

Não responderam: 1

Comentários: Embora dez alunos tenham se aproximado da resposta esperada, respondendo negativamente à questão, na justificativa, cinco desses alunos disseram que um amigo falava “errado” e o outro falava “certo”. Esse fato mostra como está arraigada a cultura do “erro” e como é difícil desconstruí-la. Esta é a sexta aula e em todas as aulas anteriores, em algum momento, foi lembrada a questão da adequação à situação, de que não existem o “certo” e o “errado”. O fato de um dos personagens

também se manifestar dessa maneira pode ter influenciado tais justificativas às respostas.

Alguns exemplos de respostas consideradas **satisfatórias** ou próximas disso: “Não, porque ele não conseguiu porque o outro ficou interrompendo a conversa.”, “Não, porque eles ficam brigando.”, “Não. Porque um fala errado e o outro corrige ele e ele não gosta.”, “Não. Porque as duas pessoas são de lugares diferentes.” Esta última resposta também apresenta um problema na justificativa porque não há como inferir essa informação a partir da leitura do texto. E uma aluna respondeu *não*, mas justificou de forma inconclusiva: “Não. Conversa.”

Entre as respostas consideradas **insatisfatórias** encontramos: “Sim, porque eles conseguem se entender.”, “Sim, porque o outro conseguiu corrigir o outro.”, “Sim, porque eles só conversam só os dois.”, “Sim. Porque eles vão bater papo.” Dois alunos só responderam *sim* e não justificaram a resposta.

Questão 2. *Os dois amigos utilizam o mesmo registro de fala? (registro coloquial, registro formal). Explique.*

Justificativa: O objetivo dessa questão é fazer com que os alunos atentem para a diferença de registros de fala utilizados pelos personagens, de acordo com a importância que cada um deles dá ao cumprimento das normas da gramática tradicional, classificando-os em coloquial ou formal.

Resultados:

Aproximaram-se: 8

Não se aproximaram: 5

Não responderam: 1

Respostas inconclusivas: 3

Comentários: Consideraram-se satisfatórias ou próximas a isso, as respostas que demonstraram a percepção da diferença entre os registros, ainda que na segunda parte da questão os alunos não os tenham classificado adequadamente. Também nessa

questão houve dois alunos que, na explicação, disseram que um personagem fala “certo” e o outro fala “errado”.

Alguns exemplos de respostas consideradas **satisfatórias**: “Não. O primeiro personagem usa registro coloquial e o segundo personagem usa o registro formal.”, “Não. Porque um fala com o registro coloquial e o outro fala com o registro formal.” “Não, um fala errado e o outro corrigiu, aí eles se irritaram.”

Respostas consideradas **insatisfatórias**: “Registro formal, eles estão falando da mesma forma.”, “Não, porque o 1º personagem usa o coloquial e o segundo o informal.”, “1 usa formal 2 usa informal.” Dois alunos escreveram: “Sim, porque são amigos de infância.” As três respostas **inconclusivas**: “Não é informal.”, “Não, o segundo personagem.” E: “Segundo personagem.”

Cabe ressaltar aqui, para fins de futuras aplicações da aula, que o fato de ser uma questão composta de duas partes prejudica um pouco a avaliação na hora de definir se o aluno respondeu satisfatoriamente à questão, porque ele pode fazê-lo na primeira parte e não na segunda e vice e versa. No dia a dia esse fato pode não ser muito relevante se puder ser corrigido imediatamente, mas quando há a necessidade de tabulação dos dados, pode implicar o descarte ou anulação do dado pela impossibilidade de enquadramento numa classificação ou por um enquadramento inadequado, comprometendo a fidedignidade da informação. A questão poderia ser desmembrada da seguinte maneira:

2. *Observe atentamente as falas dos personagens.*

- a) *Os dois amigos utilizam o mesmo registro de fala?*
- b) *Especifique o registro de fala utilizado por **cada um** dos personagens do texto, dizendo se é o **registro coloquial** ou o **registro formal**.*

Questão 3. *Qual dos dois amigos utiliza uma linguagem mais adequada à situação de interação? Por quê?*

Justificativa: Espera-se que os alunos respondam que o primeiro personagem a falar utiliza uma linguagem mais adequada à situação de interação por tratar-se de uma situação informal.

Resultados:

Aproximaram-se: 5

Não se aproximaram: 11

Não responderam: 1

Comentários: Foram consideradas próximas ao satisfatório as respostas nas quais os alunos elegeram o primeiro personagem a fazer uso da fala, ainda que não tenham sabido explicar o motivo. Alguns exemplos: “O primeiro, porque é só um papo leve entre amigos.”, “Foi o primeiro que tem a forma mais adequada.” E: “O primeiro amigo, porque é só uma conversa.”

Dentre os onze alunos que não se aproximaram da resposta esperada, quatro não justificaram, três disseram que o segundo personagem fala “mais certo”, um aluno escreveu: “Segundo fala formal.” E três alunos justificaram sua resposta de maneira inconclusiva: um trocou os personagens e dois escreveram: “O 1º porque ele não fugiu da escola.”

Questão 4. *Podemos afirmar que basta conhecer as variedades de maior prestígio da nossa língua para evitar possíveis problemas de comunicação? Justifique sua resposta.*

Justificativa: Espera-se que os alunos respondam que não basta conhecer uma variedade de maior prestígio para evitar problemas de comunicação e que justifiquem, podendo citar o exemplo do segundo personagem, que, embora conhecesse as normas da gramática tradicional, não conseguiu “bater um papo” com seu amigo. Ou melhor ainda, que consigam relacioná-la à ideia de adequação à situação comunicativa.

Resultados:

Aproximaram-se: 5

Não se aproximaram: 5

Não responderam: 5

Respostas inconclusivas: 2

Comentários: Dos cinco alunos que responderam satisfatoriamente à questão, um não justificou e os outros quatro disseram: “Não, porque outra pessoa pode não entender.”

Entre os alunos que não se aproximaram de uma resposta satisfatória, respondendo afirmativamente à questão, um não justificou sua resposta e os outros alegaram “facilidade para conversar” e “para conseguir emprego”. Não chegamos a uma conclusão se poderíamos atribuir essas respostas a uma leitura desatenta do texto ou a uma ideia de uniformidade linguística ainda presente.

As respostas inconclusivas foram: “Tem que saber falar com as pessoas, porque não é qualquer um que gosta de ser corrigido.” E: “Porque ninguém gosta de ser corrigido.” Em relação a estas últimas respostas, embora possamos ser levados a interpretar como uma negativa à questão, os alunos não deixaram explícita essa informação.

Texto II

Questão 1. *Qual dos dois personagens você acha que é o Rômulo?*

Justificativa: Espera-se que com a ajuda das acepções da palavra *pedante* na citação do dicionário os alunos respondam que é o personagem que corrige o amigo.

Resultados:

Aproximaram-se: 8

Não se aproximaram: 6

Não responderam: 2

Inconclusivas: 1

Comentários: Alguns exemplos de respostas consideradas satisfatórias: “Rômulo é o que corrige.”, “É o segundo personagem.”, “O Rômulo é o que parece um doutor.”, “A pessoa que está de terno.”, “O jeitoso.” Nessa questão, podemos perceber que não só a fala, mas a postura e a vestimenta do personagem contribuem para sua identificação. Aqui, linguagem verbal e imagem se conjugam para a composição dos sentidos do texto.

Entre as respostas consideradas insatisfatórias, as que elegeram o primeiro personagem, encontramos: “O que fala errado.”, “O menos educado.” E: “O careca.” Os resultados parecem apontar que, mesmo com as acepções de *pedante* disponíveis para consulta, talvez os alunos não tenham entendido muito bem os sentidos do vocábulo. Resposta inconclusiva: “O de óculos.” Os dois personagens usam óculos.

Questão 2. *Por que ele é chamado de pedante?*

Justificativa: Espera-se que com significado da palavra retirado do dicionário, que pode ser complementado pela explicação do professor, se houver necessidade, os alunos respondam que o personagem é tomado como pedante por querer se expressar utilizando um registro formal mesmo em uma situação informal.

Resultados:

Aproximaram-se: 9

Não se aproximaram: 5

Não responderam: 3

Comentários: A maioria dos alunos cujas respostas se aproximaram de um resultado esperado justificou sua resposta referindo-se à correção da fala do amigo. Os outros apenas copiaram as acepções do dicionário. Alguns exemplos: “Porque ele corrige o outro se exibindo.”, “Porque ele corrige as pessoas.”, “Porque ele pede pro outro falar corretamente.”

Respostas consideradas insatisfatórias: “Porque ele fala errado.”, “Porque ele é um padeiro.”, “É o inteligente.” E dois alunos responderam: “Porque ele é careca.”

Caberia ressaltar nessa questão a necessidade de contextualizar melhor os personagens, que são pouco conhecidos. *Romulo* costuma repetir esse comportamento em outras ocasiões. Seria o caso de apresentar pelo menos mais duas tirinhas para configurar a recorrência do comportamento “pedante” diante de situações de informalidade.

Aula 8 Competência Linguística

Atividade: Competência Linguística
Duração: uma aula de 75 minutos.
Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> - Perceber a diferença entre situações de comunicação formais e informais. - Exercitar, por meio de atividade de produção textual, a adequação da linguagem a diferentes contextos. - Verificar a aprendizagem dos conteúdos trabalhados anteriormente.
Procedimentos metodológicos: <ul style="list-style-type: none"> - Entregar aos alunos as folhas contendo os textos e as questões. - Proceder à leitura dos textos e aos comentários sobre os mesmos. - Resolução das questões de forma individual. - Discussão das respostas de forma coletiva.

Competência Linguística

Já vimos nas aulas anteriores que mais importante que conhecer as variedades de maior prestígio é conhecer e saber aplicar as diferentes variedades que compõem a Língua Portuguesa de acordo com a situação comunicativa na qual nos encontramos no momento, a essa capacidade chamamos **competência linguística**.

***Atividade I** - Observe as situações de comunicação abaixo:

Situação A - Apresentador de programa de televisão dirige-se ao público jovem:

_ Galera, o programa hoje está pra lá de bom. Vocês vão curtir atrações de montão!

Situação B – Locutor de jornal de uma rede nacional de televisão dirige-se ao público:

_ Boa noite! O noticiário de hoje traz o que aconteceu de mais importante no país e no mundo: os efeitos da passagem de um ciclone pelo litoral nordestino; a eleição do melhor jogador do mundo... Pois é, galera, não percam essa parada!

- ✚ Diga qual delas apresenta uma linguagem adequada ao contexto? Justifique.
- ✚ Em qual situação a linguagem não está adequada ao contexto? Que mudanças na linguagem a tornaria adequada?

***Atividade II - Agora é a sua vez!**

- ✚ Imagine que você tem um jogo importante contra outra turma no campeonato do colégio. Escreva um bilhete para seu (sua) colega de turma, lembrando-o (a) desse jogo.
- ✚ Você é o (a) representante de turma e precisa solicitar ao (à) diretor (a) liberação de algumas aulas a fim de ensaiar para as apresentações da Mostra Cultural da escola.

* Atividades adaptadas de BELTRÃO, Eliana Lúcia Santos; GORDILHO, Tereza Cristina S. *Diálogo.: língua portuguesa, 6º ano*. ed. renovada. São Paulo: FTD, 2009, p. 28.

Resultados

Atividade I

Questão:

 *Diga qual delas apresenta uma linguagem adequada ao contexto? Justifique.*

Justificativa: Espera-se que o aluno eleja a situação A, pois o apresentador usa o registro coloquial para se dirigir aos jovens.

Resultados:

Aproximaram-se: 7

Não se aproximaram: 8

Respostas inconclusivas: 3

Comentários: Embora sete alunos tenham escolhido a situação A como a mais adequada, respondendo satisfatoriamente à questão, apenas dois deles justificaram a resposta de maneira coerente. **Exemplos:** “A situação A, porque fala de um modo que os jovens entendam.” E: “Situação A. Porque se encaixa corretamente aos jovens.” As outras respostas estão **incompletas:** “Situação A.” E: “A questão A porque o apresentador de televisão.” Ou **inconclusivas:** “A que está adequada é a A porque pode botar outra opção.” E: “A letra A porque o português está melhor.” Nesta última resposta, não ficou claro o que a aluna considera como “português melhor” E a resposta: “A situação A porque ele é um apresentador e o outro é um jornalista que tem que falar adequadamente.” parece um pouco incoerente porque ao mesmo tempo em que a aluna diz que a situação A é a adequada, diz também que é o jornalista que tem de falar “adequadamente”, relacionando desse modo, “falar adequadamente” com falar utilizando um registro mais formal, como acontece em uma parte do enunciado da situação B.

Dentre as justificativas dos alunos cujas respostas não se aproximaram daquela esperada, ou seja, que escolheram a situação B como a mais adequada ao contexto, destacamos: “porque fala de um jeito mais educado”, “porque está mais apresentável ao público”, “porque fala de um jeito mais bonito”. Tais justificativas mostram que os alunos levaram em consideração apenas uma parte da fala do jornalista, desconsiderando a parte final, que a torna inadequada ao contexto. Além disso, o uso dos adjetivos “educado”, “apresentável” e “bonito” revela a valorização do registro que consideraram formal.

As respostas **inconclusivas** foram: “A linguagem adequada.”, “Sim, porque o português está melhor.” Em relação a esta última resposta, a questão não pedia para dizer sim ou não, mas para apontar a situação com a linguagem mais adequada ao contexto, o que o aluno não fez. E: “A linguagem adequada ao texto é a situação que ele tá explicando direito.” Aqui, o aluno não disse que situação seria essa.

Questão:

 *Em qual situação a linguagem não está adequada ao contexto? Que mudanças na linguagem a tornaria adequada?*

Justificativa: Espera-se que os alunos apontem a situação B, citem e reescrevam o trecho “Pois é, galera, não percam essa parada!”, por se tratar de um jornal voltado para um público de diferentes idades, mas visto principalmente por adultos.

Resultados:

Aproximaram-se: 8

Não se aproximaram: 9

Não responderam: 1

Comentários: Entre os alunos que responderam satisfatoriamente à questão, dois escreveram somente “Situação B” sem sugerir alterações, um aluno tentou justificar sua escolha, mas o fez de forma incoerente ou incompleta e não sugeriu alterações: “E a

que não tá adequada é a B porque está falando do país.” E seis alunos sugeriram alterações em um trecho da fala do personagem: “Situação B. “Pois é telespectador, não percam essa matéria.””, ““Pois é, Brasil, não percam essa história.””, “Na situação B, “...Não percam o programa de hoje. ””, “Não perca essa parada, não perca essa chance.” E: “B essa parada.”

Em relação às respostas consideradas insatisfatórias, verificamos que um aluno respondeu somente “Situação A” sem sugerir alterações, dois alunos responderam de forma incoerente: “A porque ela usa uma linguagem adequada.” E: “A por causa da situação dos jogos.” As outras respostas foram: “A situação A teria que mudar tudo”, “Situação A. O modo de falar.” “A. Boa noite pessoal.”, “A. Boa noite hoje o programa” Duas alunas escreveram: “Para lá de bom eu acho que tinha que ser muito bom.”

O presente resultado mostra que os alunos ainda não entenderam muito bem a ideia de adequação da linguagem à situação comunicativa e estão considerando adequado apenas o registro formal. Nota-se também que os alunos que consideraram a situação B adequada, não perceberam a inadequação no final do texto, sugerindo alterações na situação A.

Atividade II

Questão:

 *Imagine que você tem um jogo importante contra outra turma no campeonato do colégio. Escreva um bilhete para seu (sua) colega de turma, lembrando-o (a) desse jogo.*

Justificativa: Considerando a atividade como um todo, espera-se que o aluno perceba a diferença entre as duas situações comunicativas e a necessidade de adequação ao contexto ou situação comunicativa. No caso específico dessa questão, espera-se que o aluno perceba que se trata de uma situação de informalidade. Nas duas questões desta Atividade II foram consideradas para fins de classificação nos parâmetros satisfatório e insatisfatório apenas a adequação do registro à situação comunicativa e a adequação

do conteúdo à proposta de produção textual. Embora façamos alguns comentários, não foram considerados para fins de classificação a estrutura do texto, a ortografia e outras questões gramaticais.

Resultados:

Aproximaram-se: 10

Não se aproximaram: 5

Não responderam: 3

Comentários: Alguns exemplos de textos considerados satisfatórios:

Texto1:

lae, João, Beleza? Então, hoje vai ter o jogo de futebol, eu to mandando essa carta pra te lembrar, Ok? Tchau

Texto 2:

Prezado amigo,

Não se esqueça do campeonato de quinta-feira contaremos com sua presença, tchau.

De sua amiga Maria Luiza

Texto 3:

Beatriz não se esqueça do jogo de quinta-feira vai ser muito importante para nossa turma

Assinado: André.

Os alunos que não se aproximaram do resultado esperado escreveram uma pequena história contando o que aconteceu no jogo ou relataram fatos em apenas uma frase.

Exemplos:

Texto 1:

Jogo de Futebol o meu amigo Gustavo ele fez um golaço e eu fiz golaço mais bonito do jogo.

Texto 2:

Colega eu estou muito nervoso por causa do jogo na escola de handebol.

Texto 3:

gta eu perdi no jogo do gta

Tanto as respostas consideradas satisfatórias quanto as consideradas insatisfatórias demonstram que os alunos não dominam por completo o gênero textual bilhete, apresentando problemas estruturais como ausência de assinatura e data. Também houve um problema de atendimento à proposta, que nesse caso era a de fazer um lembrete a um amigo e não de contar um fato, relatar um acontecimento. Talvez fosse o caso de trabalhar previamente o gênero textual bilhete por meio da leitura e produção de alguns bilhetes sobre assuntos diversos antes da aplicação da sequência.

Questão:

 *Você é o (a) representante de turma e precisa solicitar ao (à) diretor (a) liberação de algumas aulas a fim de ensaiar para as apresentações da Mostra Cultural da escola.*

Justificativa: Por se tratar de um texto dirigido à direção da escola, espera-se um grau de monitoramento maior que o do texto dirigido ao colega de turma.

Resultados:

Aproximaram-se: 8

Não se aproximaram: 4

Não responderam: 3

Respostas inconclusivas: 3

Comentários: Além de um maior grau de monitoramento, observou-se também a completude das informações a fim de se atinja o propósito do texto. Alguns exemplos de textos considerados **satisfatórios:**

Texto 1:

Boa tarde diretora,

Venho lhe pedir a liberação das turmas para o ensaio e gostaria de saber se a senhora aprova.

Boa tarde

13/09/16 Mônica

Texto 2:

Oi senhora diretora, A turma está precisando de tempo para ensaiar para as apresentações da Mostra Cultural da escola, será que você poderia liberar algumas aulas para ensaiar?

Texto 3:

Diretora preciso que a senhora libere algumas aulas para a nossa turma ensaiar para a nossa apresentação

Nos textos que não se aproximaram do resultado esperado, observou-se uma tentativa de adequação da linguagem, porém, os mesmos careciam de informações essenciais para o atingimento de seu propósito. Alguns exemplos:

Texto 1:

Bom o dia diretor eu sou o representante da turma 1604 eu queria liberação por favor

Texto 2:

Oi diretora a senhora poderia deixa a minha turma fazer uma apresentação

Texto 3:

Querida diretora você poderia liberar os alunos Pedro e João, Francisco, Miguel, Rafael e Bruno

As seguintes respostas foram consideradas **inconclusivas** ou não relacionadas à proposta:

Texto1:

Eu libero o grupo para ensaiar para as apresentações

Texto 2:

Oi diretora hoje tem muita gente fazendo bagunça

Texto 3:

Eu libero a apresentação

Aula 9 Questionário Final

Atividade: Questionário Final
Duração: uma aula de 75 minutos.
<p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Verificar a aprendizagem dos conteúdos trabalhados nas aulas anteriores. - Solidificar os conhecimentos adquiridos ao longo da aplicação da sequência didática.
<p>Procedimentos metodológicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entregar a cada aluno uma folha impressa contendo um questionário. - Resolução das questões individualmente, precedida de breve explicação do enunciado e de termos que possam trazer dificuldade de compreensão e intercalada por discussões do grupo a partir das respostas fornecidas.

Questionário Final e Resultados

Questão 1. Você acha que a Língua Portuguesa permanece sempre a mesma, independente das pessoas que as utilizam, da época e do lugar em que se encontram? Ou você acredita que a língua pode sofrer mudanças? Por quê?

Justificativa: O enunciado dessa questão foi alterado a fim de evitar a confusão ocorrida no questionário de diagnóstico inicial, no qual os alunos compararam a Língua Portuguesa a outras línguas que foram mencionadas.

Resultados:

Aproximaram-se: 13

Não responderam: 2

Respostas inconclusivas: 3

Comentários: Analisando os resultados, percebemos uma melhora em relação ao diagnóstico inicial. A maior parte dos alunos aproximou-se de uma resposta satisfatória. Quatro alunos não justificaram a resposta, dois deles fizeram referência à variação regional, mencionando os sotaques e os modos de falar nas diferentes regiões, seis alunos disseram que a língua pode sofrer mudanças em decorrência do tempo e um aluno respondeu que que “às vezes mudamos o jeito de falar para simplificar.”

As respostas inconclusivas foram: “Sim, porque se eu falo português eu não vou conseguir falar japonês rápido, então ela sofre.”, “Sim porque nem todo mundo fala a mesma língua. Acho que muda.”, “Eu acho que sim por talvez alguém consiga mudar.”

Questão 2. O que você entende por variação linguística da Língua Portuguesa?

Justificativa: Essa questão tem por objetivo verificar se os alunos saberiam explicar o conceito.

Resultados:**Aproximaram-se:** 12**Não se aproximaram:** 1**Não responderam:** 2**Respostas inconclusivas:** 3

Comentários: Nesse ponto, não foi necessária uma orientação prévia para a resolução da questão e o resultado foi semelhante ao do questionário de diagnóstico inicial, com a maioria das respostas próximas ao satisfatório. Exemplos de respostas consideradas satisfatórias: “Entendo que a língua pode variar de acordo com o lugar ou a idade da pessoa.”, “Outros modos de falar sua língua.” E: “Sotaques diferentes das pessoas.” Resposta considerada insatisfatória: “Eu acho que é as pessoas que fala errado e a pessoas que escreve errado.” Respostas consideradas inconclusivas: “Quase tudo.”, “Eu não entendo nada do que essa língua explica.” E: “Porque ela varia demais.”

As questões 3, 4 e 5 apresentam objetivos semelhantes e por isso foram agrupadas na análise.

Justificativa para as questões de 3 a 5: Essas questões têm a finalidade de verificar se, após as aulas, os alunos seriam capazes de distinguir e conceituar os tipos de variação linguística.

Questão 3. O que é variação histórica ou diacrônica?

Resultados:**Aproximaram-se:** 2**Não se aproximaram:** 9**Não responderam:** 7

Respostas consideradas **satisfatórias**: “Mudanças no português ao longo do tempo.” E: “Variação histórica é quando o modo de falar ou a gramática mudam de acordo com o tempo.”

Alguns exemplos de respostas consideradas **insatisfatórias**: “Variar o tempo.”, “É a variação que desde antigamente vem sofrendo variações.”, “Tipos de histórias de línguas antigas.” E: “Eu acho que é a mudança da fala.”

Questão 4. Em que consiste a variação geográfica ou regional?

Resultados:

Aproximaram-se: 7

Não se aproximaram: 1

Não responderam: 10

Alguns exemplos de respostas consideradas **satisfatórias**: “Significa que dependendo da região, o modo de falar muda.”, “O modo de falar do Brasil e em outros lugares.” E: “Mudanças de sotaques.”

Resposta considerada **insatisfatória**: “Que a variação da região. ”

Questão 5. O que é variação sociocultural?

Resultados:

Aproximaram-se: 3

Não se aproximaram: 8

Não responderam: 7

Respostas consideradas **satisfatórias**: “É o jeito das pessoas de falar tipo o médico fala de um jeito, os jovens falam de outro.”, “É quando uma pessoa tenta conversar com outra, mas não entende porque a outra é mais nova e a outra mais velha e as palavras de lá pra cá não são mais as mesmas.” E: “É o jeito de pessoas falarem por causa de sua classe.”

Alguns exemplos de respostas consideradas **insatisfatórias**: “A variação de cultura.”, “São tipos de culturas divididas com o mundo.” E: “Uma pessoa tem 14 anos e outra tem 21 anos isso é sociocultural.”

Comentários sobre as questões de 3 a 5: Embora tenham demonstrado uma compreensão do assunto durante as discussões no decorrer das aulas, observa-se que a maioria dos alunos não conseguiu conceituar satisfatoriamente os diferentes tipos de variação, com exceção da variação regional, que continua sendo a mais fácil de identificar.

Questão 6. O que é uma variedade de prestígio e por que devemos estudá-la?

Justificativa: Espera-se que os alunos mencionem, de alguma forma, a necessidade de conhecer essa variedade a fim de compreender e produzir textos orais e escritos nos diferentes contextos em que a variedade é utilizada.

Resultados:

Aproximaram-se: 3

Não se aproximaram: 4

Não responderam: 7

Respostas inconclusivas: 4

Comentários: Entre os alunos que se aproximaram das respostas, dois ainda mencionaram a ideia de “certo” ou “errado”. Os resultados revelam que embora parecessem ter compreendido a noção de variedade de prestígio no momento da explicação, os alunos não souberam defini-lo adequadamente.

Respostas consideradas **satisfatórias:** “É uma variedade mais formal, é bom estudá-la para falar com alguém importante ou alguém de respeito.”, “Para falar corretamente em certo lugar.” E: “Pelo jeito de falar, mesmo a gente falando desde bebê precisamos ir na escola pra aprender o jeito certo.”

Respostas consideradas **insatisfatórias:** “Porque ela nos prestigia.”, “Mudança de prestígio da língua portuguesa, porque é importante.” E: “Para quando for falar outro idioma.” (Dois alunos).

Respostas consideradas **inconclusivas**: “Eu acho que é um prestígio ou está agradecendo alguém ou está prestigiando ele por ser uma pessoa boa.”, “Nós devemos estudá-la para dar mais valor as coisas que precisam.”, “Prestígio é uma coisa muito importante.” E: “São tipos de ganhar para se dar bem.”

Questão 7. O que é o preconceito linguístico?

Justificativa: A questão tem por objetivo verificar se as discussões empreendidas ao longo das aulas contribuíram de alguma forma para a reflexão sobre o tema.

Resultados:

Aproximaram-se: 8

Não se aproximaram: 4

Não responderam: 4

Inconclusivas: 2

Comentários: Embora tivessem demonstrado uma compreensão do assunto ao longo das aulas, os resultados dessa questão assemelham-se aos resultados do diagnóstico inicial. Três dos oito alunos que se aproximaram de uma resposta satisfatória ainda mencionaram a expressão “falar errado. ”

Alguns exemplos de respostas consideradas **satisfatórias**: “É quando uma pessoa julga a outra pelo modo que ela fala.”, “É o preconceito com a língua de uma pessoa como por exemplo um nordestino não fala do mesmo jeito do carioca. Muita gente tem preconceito.”, “É quando uma pessoa fala diferente e os outras não aceitam.” E: “É uma pessoa que encarna na outra por causa que a outra fala errado.”

Respostas consideradas **insatisfatórias**: “É as pessoas que falam errado, e a pessoa que é negro.”, “É quando uma ou mais pessoas fazem bullying com outra pessoa tem

língua presa ou fala errado.” E: “É quando outra pessoa ofende a outra com outro idioma.” (Dois alunos).

Respostas consideradas **inconclusivas**: “É quando uma pessoa fala uma coisa que a outra não gosta de ouvir.” E: “Se uma pessoa fala errado uma pessoa.”

Questão 8. Leia a tirinha abaixo e observe as falas dos personagens:



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=19934>

Agora responda: Você diria que os personagens falam errado? Por quê?

Justificativa: Espera-se que os alunos, depois das discussões empreendidas em sala, não percebam as diferenças como “erros”.

Resultados:

Aproximaram-se: 13

Não se aproximaram: 3

Não responderam: 2

Comentários: A maioria dos alunos aproximou-se do resultado esperado, o que representa um avanço em relação ao questionário de diagnóstico inicial.

Alguns exemplos de respostas consideradas **satisfatórias**: “Não. Porque não existe português errado.”, “Não, porque eles só mudam o jeito de falar, porém o português é o mesmo.” E: “Não, porque esse é o modo de falar da região deles.”

Respostas consideradas **insatisfatórias**: “Porque pessoas que moram na roça sempre falam errado.”, “Sim. Porque todos eles trocam as palavras.” E: “Sim. Por causa da variação linguística.”

Questão 9. O que você entende por “competência linguística”?

Justificativa: Espera-se que os alunos relacionem competência linguística com a habilidade de adequar a linguagem às diferentes situações comunicativas de que fazemos parte.

Resultados:

Aproximaram-se: 2

Não se aproximaram: 6

Não responderam: 7

Respostas inconclusivas: 3

Comentários: Entre os que não se aproximaram, quatro deles relacionaram competência a cometer menos “erros” gramaticais. Dois alunos cujas respostas poderíamos considerar próximas a uma resposta **satisfatória** disseram: “Eu acho que é quando a gente escreve um texto ou estudamos”. E: “Que a pessoa tem que ser competente para falar.”

Alguns exemplos de respostas consideradas **insatisfatórias**: “Entendo que competência linguística é quando alguém é bom em falar com menos erros, ou seja, a pessoa serve pra isso.”, “Falar certo a língua, ser correto e etc.” E: “Ser correto com a língua.”

Respostas consideradas **inconclusivas**: “Ficar de grosseria com a linguagem.”, “Eu penso que cada (inelegível) fala linguística diferente.” E na terceira resposta, o aluno tentou explicar a atitude do personagem da tirinha da questão anterior.

5.2 Conclusão

Consideramos que a sequência de atividades obteve um bom resultado, atingindo seu objetivo inicial, uma vez que na maioria das questões em que foi possível realizar esta verificação a maior parte dos alunos se aproximou de uma resposta considerada satisfatória, conforme a tabela abaixo:

Tabela 1 – Resultados da SD

	Número de Questões	Percentual em relação ao total
Questões com maioria de respostas satisfatórias	28	68,2
Questões com maioria de respostas insatisfatórias	13	31,8
Total	41	100

Fonte: (o próprio autor)

Durante a análise dos resultados da aplicação da sequência didática, percebemos que, muitas vezes, as dificuldades encontradas na hora de responder às questões ocorreram não por uma falta de compreensão do conteúdo em si, que foi avaliada também durante as conversas com o grande grupo que compunha a turma, mas decorriam da não compreensão do enunciado e/ou do texto, tanto nas questões mais diretamente relacionadas à variação linguística e suas características, quanto nas questões de cunho mais interpretativo, ligadas à compreensão do texto. Havia também a dificuldade de proceder à redação de frases completas e coerentes, principalmente nas questões duplas, nas quais havia a necessidade de justificar a resposta.

Diante de tais dificuldades e do desconhecimento por parte de alguns alunos de uma canção amplamente difundida, como *Asa Branca*, ressaltamos, de um modo geral, a importância do acesso de crianças e jovens a bens culturais diversificados, possibilitando uma ampliação de conhecimento de mundo e a formação de público apreciador e crítico das produções culturais de nossa sociedade. Esse repertório,

adquirido ao longo da vida do aluno, contribui para a criação de inferências que auxiliam na construção dos sentidos do texto e conseqüentemente, para o desenvolvimento de habilidades de leitura, tão imprescindíveis no nosso dia a dia:

A leitura é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH & ELIAS, 2014, p. 11)

Considerando mais especificamente a sequência didática em questão, principalmente em relação a futuras aplicações, percebemos a necessidade de desmembramento de algumas questões a fim de facilitar a compreensão dos enunciados por parte dos alunos e a interpretação das respostas por parte do professor. Trocáramos também algumas questões com a finalidade de estabelecer um conceito por questões que utilizassem trechos de textos orais e escritos em diferentes variedades, principalmente no questionário de diagnóstico inicial, dando ênfase à presença de traços graduais nos diferentes registros e variedades.

A variação linguística é um tema extenso, rico e complexo. Embora nove aulas pareçam tempo suficiente ou até mesmo excessivo para realização do trabalho, pensamos que alguns assuntos, como a variação diacrônica por exemplo, mereçam ser mais bem desenvolvidos ao longo do ano letivo ou dos anos posteriores, afinal não podemos abordar o tema somente no sexto ano e esquecer-lo nos anos seguintes. Em relação às atividades de produção textual, cabe destacar a necessidade de um prévio trabalho de leitura e produção de bilhetes sobre assuntos diversos a fim de familiarizar os alunos com esse gênero hoje pouco produzido por eles em função da tecnologia das novas mídias digitais, às quais muitos têm acesso.

Um fato positivo que podemos destacar é que, embora alguns alunos tenham respondido a muitas questões da sequência ainda insistindo na questão do “erro”, na penúltima questão do questionário final, na qual deveriam tecer um julgamento sobre a linguagem dos personagens, a maioria dos alunos respondeu satisfatoriamente à questão, percebendo a variação ali encontrada como uma diferença normal e não como erro. O personagem Chico Bento foi propositadamente escolhido com a finalidade de

tentar contribuir para a diminuição da prática do preconceito linguístico contra a variação em geral e contra a variação regional em especial, principalmente contra o “falar caipira”.

O personagem já apareceu muito em diversos materiais didáticos, porém, geralmente em questões cujos enunciados solicitavam que sua fala fosse reescrita utilizando-se uma linguagem mais formal. Durante as discussões empreendidas ao longo da aplicação da sequência, foi esclarecido aos alunos que, fazendo referência às tirinhas que foram lidas, a professora deveria apresentar ao personagem a variedade de prestígio, uma vez que é esse seu papel enquanto representante do Estado e de seu dever de educar. Porém, ao fazê-lo, a mesma deve também manter o respeito ao aluno como indivíduo, como cidadão.

Agindo dessa maneira, a professora estaria colocando em prática a pedagogia da variação linguística, voltada para o respeito aos conhecimentos prévios dos alunos no que dizem respeito à língua e à interação comunicativa. Pensamos que desse modo, a professora da tirinha e nós, professores em geral, estaremos contribuindo para o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da autoestima dos nossos alunos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante nosso estudo ao longo desse trabalho, observamos que o modo como são percebidos os conceitos de *língua*, *gramática* e *norma*, conceitos fundamentais para o ensino de Língua Portuguesa como língua materna, pode influenciar a maneira como conduzimos nossas ações nesse exercício. Um ensino predominantemente normativo que concebe *língua* apenas como uma das variedades; *norma*, apenas aquela que se quer estabelecer como “padrão” e *gramática* como um conjunto de regras a serem seguidas para o “bem falar e escrever” não leva em consideração a existência do fenômeno da variação linguística, inerente a todas as línguas.

Em relação aos estudos linguísticos, notamos que vários estudiosos do campo da Sociolinguística como Dino Preti, Stella Maris Bortoni-Ricardo e Carlos Alberto Faraco constataram a impossibilidade de se estabelecerem limites entre os graus de variação e notaram uma aproximação cada vez maior entre as normas utilizadas pelas pessoas consideradas cultas e as normas populares, sendo mais coerente pensar em contínuos de variação, nos quais o falante poderá ocupar qualquer posição, dependendo da situação em que se encontre e numa norma *culta/comum/standard* como a norma efetivamente utilizada pelas pessoas com alto grau de instrução nas situações mais monitoradas.

Em vista do que foi exposto, uma nova orientação no ensino de Língua Portuguesa como língua materna precisa ser buscada, apontando na direção daquilo que vem sendo chamado de pedagogia sensível às diversidades cultural e social ou pedagogia da variação linguística. Nessa pedagogia, o aluno é estimulado a transitar por diferentes contextos linguísticos, percebendo as diferenças entre os usos da língua nas diversas situações comunicativas, na modalidade oral e na escrita, concebendo todos os usos como legítimos.

Tal comportamento se encontra em certa sintonia com as principais orientações oficiais que atualmente norteiam o ensino da língua materna no País, que são os Parâmetros Curriculares Nacionais. Depois de uma breve análise, verificamos que os objetivos para o ensino da língua apresentados no documento se assemelham consideravelmente aos apregoados pelos principais estudiosos desse tema, sendo

encontrados muitos pontos em consonância com os mais recentes estudos linguísticos, evidenciando uma tentativa de aliar suas propostas às pesquisas científicas da área.

Outro documento oficial que se encontra em concordância com os estudos linguísticos é o Guia do Programa Nacional do Livro Didático, documento encaminhado às escolas para que seja feita a seleção dos LD que serão adotados nos anos subsequentes. O Guia apresenta as resenhas das coleções avaliadas e os critérios que nortearam a avaliação feita pelo Programa e prevê entre esses critérios se as variedades regionais e sociais da língua foram consideradas e respeitadas e se houve a promoção do estudo das normas urbanas de prestígio no contexto sociolinguístico.

Alguns autores de LD têm inserido o conteúdo de variação linguística em seus livros a fim apenas de obter aprovação de suas obras pelo PNLD. Muitas vezes esse conteúdo aparece de forma isolada, em apenas um capítulo destinado ao tema, e o restante do livro apresenta a abordagem tradicional sem levar em conta a variação no estudo de análise e reflexão linguística de temas como a morfossintaxe, por exemplo, como constataram algumas pesquisas que analisaram a abordagem do tema variação linguística nos LD.

Com o propósito de verificar como o tema da variação foi abordado pela segunda coleção mais distribuída pelo PNLD 2014, analisamos o volume do sexto ano do ensino fundamental da coleção *Teláris*, das autoras Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Machezi. Após a análise, chegamos à conclusão de que embora tenha havido um esforço para adequar o conteúdo pertinente à variação linguística aos estudos linguísticos, ainda percebemos na obra certa postura dicotômica em relação à oralidade e a escrita, sugerindo que a oralidade seja sempre informal.

Outro problema encontrado foi a percepção da variação como algo estanque e não como um fenômeno gradual, podendo o indivíduo ocupar qualquer posição no cruzamento entre os eixos de urbanização, letramento e de monitoramento estilístico. Também nos causaram alguma preocupação exercícios de reescrita sem justificativas para a alteração do registro da língua, uma vez que o mesmo já estava adequado à situação comunicativa. Em vista disso, ressaltamos a autonomia do professor na preparação de suas aulas, empreendendo a busca, seleção ou até mesmo a

elaboração do próprio material, se julgar necessário a fim de atender as suas necessidades e as de seus alunos.

Neste trabalho, elaboramos uma sequência de atividades cujo objetivo é despertar nos alunos a conscientização de que a variação linguística é um fenômeno natural inerente a todas as línguas, ressaltando a importância do aprendizado das variedades de prestígio sem deixar de cultivar o respeito e a valorização das diferenças nos modos de falar e escrever a fim de combater a cultura do preconceito linguístico e considerando as noções de adequação da linguagem à situação comunicativa e de desenvolvimento da competência linguística.

Analisando os resultados da aplicação da sequência didática, observamos um resultado positivo, com a maioria das questões respondidas de maneira satisfatória pela maior parte dos alunos. Constatamos também que dificuldades de interpretação dos enunciados e dos textos das atividades propostas prejudicaram um pouco o desempenho nas respostas às questões, mostrando mais uma vez a importância do desenvolvimento de habilidades de leitura, imprescindíveis não só para o aprendizado em qualquer disciplina dos currículos escolares, mas também na vida, de modo geral.

A análise também evidenciou que ainda é forte a cultura do “erro” entre os alunos, o que sinaliza a necessidade de continuar trabalhando no sentido de atenuá-la, mas no final da sequência de atividades, eles já começaram a mostrar uma mudança de comportamento, passando a considerar as diferenças como um fenômeno natural e não como erros.

Além disso, destacamos algumas alterações que seriam necessárias no caso de futuras aplicações da sequência de atividades, como a introdução de questões mais intuitivas, principalmente no questionário de diagnóstico inicial e desmembramento de questões duplas a fim de facilitar a compreensão dos enunciados e a interpretação das respostas. Como a variação é um tema rico e complexo, também sugerimos um maior desenvolvimento ao longo do ano letivo e anos posteriores de alguns assuntos como a variação diacrônica e a ocorrência de traços graduais de variação nas duas modalidades e nos diferentes registros e variedades da língua.

Lembramos que este trabalho não esgota as possibilidades de pesquisas na área, ao contrário, esperamos ter contribuído para o estímulo a futuras investigações nesse campo altamente significativo para estudos exploratórios.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Dramática da Língua Portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 28 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. *Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia poética*. BANDEIRA, Manuel (org.), SEFFRIN; André (coord.). 6 ed. São Paulo: Global, 2013.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Saberes gramaticais na escola. In: VIEIRA, S.R.; BRANDÃO, S.F. (Org.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

BELTRÃO, Eliana Lúcia Santos; GORDILHO, Tereza Cristina S. *Diálogo.: língua portuguesa, 6º ano*. ed. renovada. São Paulo: FTD, 2009, p. 28

BORGATTO, Ana Maria Triconi, BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto, MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. *Português - Projeto Teláris*. vols. 6 a 9. 1ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação*. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Online: disponível na Internet via <http://www.mec.gov.br>

_____. Secretaria de Educação Básica. *Guia de Livros Didáticos: PNLD 2014: língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais*. Brasília: MEC/SEB, 2013. Online: disponível na Internet via <http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>.

CAVALIERE, Ricardo. *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Coord. de edição Marina Baird Ferreira. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FNDE. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>> Acesso em 21/02/16, às 19:14.

FOLTRAN, M.J. Ensino de sintaxe: atando as pontas. In: MARTINS, M.A. (Org.) *Gramática e ensino*. Coleção Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, volume I. Natal: EDUFRN, 2013. p. 163-184.

FRANCHI, Carlos. *Mas o que é mesmo "gramática"?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GERALDI, João Wanderley (org.). *O Texto na Sala de Aula*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2014.

LIMA, Ricardo Joseh. "Variação linguística e os livros didáticos de português". In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (orgs.). *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola?*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PAGOTTO, Emilio Gozze. Norma e condescendência; ciência e pureza. *Línguas e instrumentos linguísticos*, Campinas, n 2, p. 49-68, 1998.

POSSENTI, Sírio & ILARI, Rodolfo. "Ensino de língua e gramática: alterar conteúdos ou alterar a imagem do professor?". In: KIRST, Marta Helena B., CLEMENTE, Elvo et al. *Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992

POSSENTI, Sírio. "Gramática e Política". In: GERALDI, João Wanderley (org.). *O Texto na Sala de Aula*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. "Sobre o Ensino de Português na Escola". In: GERALDI, João Wanderley (org.). *O Texto na Sala de Aula*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 4ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1982.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Contradições no Ensino de Português: a língua que se fala X a língua que se ensina*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1997.

STAUB, Augustinus. "Perguntas e Afirmações Que Devem Ser Analisadas". In: KIRST, Marta Helena B., CLEMENTE, Elvo et al. *Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 9ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 2003.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. *Três eixos para o ensino de gramática: uma proposta experimental*. Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de Literaturas. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014. (Mimeo).

VIEIRA, S.R.; BRANDÃO, S.F. (Org.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

ANEXO – TEXTO DO LIVRO DIDÁTICO

Leitura**O bisavô e a dentadura**

Sylvia Orthof

Eu ouvi esta história de uma amiga, que disse que isso aconteceu, de verdade, em Montes Claros, Minas Gerais.

Para contar a história, é preciso imaginar uma velha fazenda antiga. Dentro da fazenda, uma vetusta (socorro, que palavrão!) mesa colonial, muito comprida, de jacarandá, naturalmente. Em volta da mesa, tudo que mineiro tem direito para um bom almoço: tutu, carne de porco, linguiça, feijão-tropeiro, torresminho, couve cortada bem fina... e eu nem posso descrever mais, porque já estou com excesso de peso, só de pensar: hum, que delícia!

A família era enorme e comia reunida, em volta da toalha bordada: pai, mãe, avó, avô, filhos, netos, sobrinhos, afilhados, a comadre que ficou viúva, a solteirona que era irmã da vó da Mariquinha... e o bisavô Arquimedes. O bisavô Arquimedes usava dentadura.

Naturalmente, cada integrante tinha à sua frente o seu saboroso prato de tutu, couve, torresmo, feijão-tropeiro, carninha de porco, linguiça, etc. e tal. E todos mastigavam e repetiam porque a fartura, ali, em Montes Claros, naquele tempo, era um espanto, de tanta! E cada um, evidentemente, tinha o seu copo. Pois os copos e o bisavô Arquimedes, diariamente, sofriam a seguinte brincadeira:

– Toninho, ocê vai beber desse copo aí, na sua frente? Olha que o bisavô deixou a dentadura dele de molho, bem no seu copo, Toninho, na noite passada!

– Num foi no meu, não: foi no copo da Maroca! O bisavô deixou a dentadura dentro do copo da Maroquinha!

– Ó gente, num brinca assim que eu fico cum nojo, uai!

O velho bisavô Arquimedes ouvia, sorria, mostrando a dentadura.

Quando chegava o doce de leite, o queijinho, a goiabada e uma tal de sobremesa que tem o nome de "mineiro de botas", que tem queijo derretido, banana, canela, cravo, sei lá mais que gostosuras, o pessoal comia, comia. E depois de comer tanto doce, a sede vinha forte, e a chateação começava, ou recomeçava, ou não terminava.

– Tia Santinha, não beba do copo da dentadura do bisavô, cuidado! Tenho certeza de que a dentadura ficou no seu copo, de molho, a noite inteira!

O bisavô ouvia e ia mastigando, o olhinho malicioso, nem te ligo para a brincadeira, comendo a goiabadinha, o "mineiro de botas", o doce de leite, o queijinho... e mexendo a dentadura pra lá e pra cá, pois a gengiva era velha e a dentadura já estava sem apoio. Mas o bisavô tinha senso de humor... e falava pouco. O pessoal cochichava que ele era mais surdo do que uma porta. Bestagem, porque se existe coisa que não é surda, é porta: mesmo fechada, deixa passar cada coisa...

Um dia, de repente, o bisavô apareceu sem a dentadura. E como todos perguntaram para ele o que tinha havido, o velho Arquimedes sorriu, um sorriso banguela, dizendo:

– Ocês tavam perturbando demais, todos com nojo dela, resolvi não usar, uai!

Aí, a família ficou sem jeito, jurando que não iria falar mais da dentadura, que tudo fora brincadeira, que todos adoravam o velho Arquimedes, que ele desculpasse.

– Tá desculpado, num tem importância. Eu já tava me aborrecendo com a história, mas tão desculpados. Mas até que tô achando bom ficar banguela: vou comer tutu e sopa... e doce de leite mole, ora!

A família insistiu, pediu perdão, mas o bisavô botou fim à conversa, dizendo:

– Ocês num insistam. Resolvi e tá resolvido. O dia que eu deixar de resolver, boto a dentadura outra vez!

E passaram-se vários dias. Ninguém mais fazia a brincadeira do copo. De vez em quando, o bisavô lembrava:

– Tô sentindo falta...

– Da dentadura, bisavô?

– Não, da traquinagem de ocês... ninguém tá com nojo de beber água no copo, né?



– Ora, o senhor não deve levar a mal, foi molecagem, a gente não faz mais, pode usar a dentadura, bisavô.

Um dia, de repente, o bisavô voltou a usar a dentadura. Todos na mesa se cutucaram e começaram a rir, muito disfarçado, quando bebiam água, pensando... sem dizer, pois haviam prometido.

Depois da sobremesa, boca pedindo água depois de tanto doce caseiro, o velho Arquimedes disse:

– Vocês tão bebendo tanta água, sem nojo...

– Bisavô, era brincadeira!

– Eu também fiz uma brincadeira: durante todo esse tempo que fiquei banguela, minha dentadura ficou de molho, dentro do **filtro!**

Fonte: (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2013 – Vol 6, p. 19-21)